

UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU

Mestrado em Educação Física

ROSEMEIRE DIAS DE OLIVEIRA

**ESTILO DE LIDERANÇA DO PROFESSOR/TÉCNICO PARTICIPANTE DA
OLIMPÍADA COLEGIAL INFANTIL SOB A PERCEPÇÃO DOS ATLETAS DE
BASQUETEBOL**

São Paulo

Junho de 2007

UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU

Mestrado em Educação Física

ROSEMEIRE DIAS DE OLIVEIRA

ESTILO DE LIDERANÇA DO PROFESSOR/TÉCNICO PARTICIPANTE DA OLIMPÍADA COLEGIAL INFANTIL SOB A PERCEPÇÃO DOS ATLETAS DE BASQUETEBOL

Dissertação apresentada à Universidade São Judas Tadeu, com vista à obtenção do grau de mestre em Educação Física, na linha de pesquisa Bases Biopsicosociais do Esporte.

Orientadora: Maria Regina Ferreira Brandão

São Paulo

Junho de 2007

Oliveira, Rosemeire Dias de

Estilo de liderança do professor/técnico participante da olimpíada
colegial infantil sob a percepção dos atletas de basquetebol./

Rosemeire Dias de Oliveira. - São Paulo, 2007.

96 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade
São Judas Tadeu, São Paulo, 2007.

Orientador: Prof^a. Dra. Maria Regina Ferreira Brandão

Ficha catalográfica: *Elizangela L. de Almeida Ribeiro - CRB 8/6878*

A José Dias de Oliveira, e Maria Nair
Mãe e Pai e antes de tudo Amigos. Homenagem por me
incentivar a nunca desistir dos meus sonhos e
acreditar que era possível. E pela presença neste
importante passo em minha carreira profissional.

Aos filhos Matheus, Gabriel, Maria Victória e Pedro
apesar das renúncias, sempre estiveram do meu lado apoiando,
estimulando e irradiando alegria no caminho desta jornada.

Ao Cássio Sendão,
meu companheiro, pelo amparo, conforto e
amor dedicado nos momentos mais difíceis deste percurso.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Maria Regina Ferreira Brandão pela orientação, amizade e acolhimento que sempre dispensou, tornando possível a concretização desse estudo e acompanhando esta trajetória;

Às Professoras, Doutora Vilma Nista Leni-Piccolo e Marília Velardi, pelas valiosas contribuições;

Aos Professores Doutores da Pós Graduação em Educação Física da USJT, por estarem sempre dispostos a colaborar;

Aos amigos Débora Carchan e Marco Aurélio Nóbrega, pelo apoio, amizade e companheirismo, nessa minha trajetória;

Aos colegas e funcionários do curso de mestrado da USJT, pela ajuda preciosa em momentos fundamentais dessa pós graduação;

Ao professores/técnicos que, pela disponibilização, viabilizaram a concretização deste estudo, todavia, ao abrirem o seu íntimo, permitiram que ampliássemos o conhecimento sobre a tarefa educativa;

Aos atletas participantes, por externarem seus pensamentos e sentimentos contribuindo, assim, para uma melhor compreensão da percepção do estilo de liderança do professor/técnico.

SÚMARIO

RESUMO.....	ix
ABSTRACT.....	x
=====	
1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1. OBJETIVOS.....	13
1.2. JUSTIFICATIVA.....	14
1.3. DELIMITAÇÃO DO ESTUDO.....	16
=====	
2. REVISÃO DA LITERATURA	
2.1. LIDERANÇA NO ESPORTE	
2.1.1. Liderança no esporte.....	18
2.1.2. Liderança no Esporte Infantil.....	27
2.2. ESPORTE INFANTO JUVENIL	
2.2.1. Competição Infanto Juvenil.....	33
2.2.2. Esporte, Competição e Escola.....	39
3. METODOLOGIA	
3.1. Amostra.....	45
3.2. Instrumento e Procedimentos.....	54
3.3. Análise de Dados.....	56
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	57
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS.....	76
=====	
ANEXOS.....	80

=====

ÍNDICE DE FIGURAS

=====

Figura 1. Quatros Componentes da Liderança Efetiva..... 20

Figura 2. Modelo Multidimensional de Liderança no Esporte.....25

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Aspectos Relevantes Para Alcançar Êxito no Esporte (BUCETA, 2004).....	31
Quadro 2. Carta dos Direitos de Atletas Jovens (MARTENS. 2002).....	32
Quadro 3. Caracterização dos Professores Conforme os Parâmetros de Amostra.	46

=====

ÍNDICE DE TABELAS

=====

Tabela 1. Caracterização Individual do Professor/Técnico 45

=====

ÍNDICE DE ANEXOS

=====

Anexo 1. Pergunta Geradora.....	80
Anexo 2. Ficha de Identificação Docente	81
Anexo 3. Quadros de Depoimentos	83

Resumo

O tema “competição” na infância e na adolescência é polêmico sendo foco de discussões constantes entre os estudiosos da área. O grande questionamento que se faz é se os esportes competitivos proporcionam reais benefícios nos aspectos fisiológicos, psicológicos e sociais para os jovens atletas. O estilo de liderança do professor/técnico no processo de competição é muito importante, pois uma expectativa muito elevada em relação ao êxito, naturalmente gera cobranças em relação ao rendimento e, dessa forma, os aspectos psicológicos podem ser afetados. O professor/técnico tem um papel preponderante na percepção que o atleta faz da competição, e da forma como vai enfrentá-la. Assim, seu estilo de liderança, sem dúvida, pode interferir em todos os aspectos biopsicosociais. A forma como os professores/técnicos vão intervir durante o intervalo e/ou decorrer de uma partida tem um impacto relevante na produção do atleta, principalmente em um esporte como o basquetebol, no qual a intervenção do líder se faz necessária a todo o momento. Se essa intervenção for realizada de forma pontual e positiva, pode se tornar um dos fatores determinantes para o sucesso dessa equipe. Esse trabalho teve como objetivo identificar o estilo de liderança do professor/técnico participante da Olimpíada Colegial Infantil sob a percepção dos atletas de basquetebol. Fizeram parte desse estudo 4 professores/técnicos e 48 atletas das equipes de basquetebol, masculina e feminina, da categoria infantil, com idades entre 15 e 17 anos, participantes da Olimpíada Colegial do Estado de São Paulo na Fase de Diretoria de Ensino (D.E) da região de Tupã. Foi utilizado um questionário estruturado de perguntas fechadas para a caracterização do professor/técnico e uma entrevista com uma questão geradora, para verificar a percepção dos atletas quanto ao comportamento do professor. A análise dos dados para a caracterização dos professores foi conduzida com o recurso da estatística descritiva e para verificar a percepção dos atletas foi utilizada Análise do Conteúdo uma abordagem de ordem qualitativa, com o objetivo de assegurar uma interpretação coerente da percepção que os atletas têm dos professores/técnicos. Essa é uma técnica utilizada quando se tem o objetivo de conhecer o que está por trás das palavras ou depoimentos, ou seja, a busca de outras realidades através das mensagens. As unidades de registro foram analisadas e agrupadas de acordo com o tema ou núcleo de significação das palavras que expressasse uma idéia de sentido equivalente, constituindo assim a categorização das unidades de pensamento. Após esse processo de categorização das entrevistas surgiram duas categorias, que se sub-dividiram em categoria A, (aspectos Pessoais e Profissionais) e categoria B, (aspectos de Instrução e Feedback). Os resultados mostraram que a avaliação dos professores/técnicos foram diferentes nas equipes I e III em relação às equipes II e IV. Nas equipes II e IV os professores/técnicos foram caracterizados como mais experientes na competição e na modalidade e tiveram um alto nível de aprovação pelos atletas em relação ao estilo de liderança. Em relação aos professores/técnicos das equipes I e III, caracterizados com menos experiência na modalidade e em competições, tiveram o seu estilo de liderança avaliados como positivo no aspecto pessoal, e negativo nos aspectos profissionais, instruções e feedback. Concluindo, podemos dizer que o estilo de liderança dos 4 professores/técnicos participantes da Olimpíada Colegial

do Estado de São Paulo, categoria Infantil, percebidos pelos seus atletas foi diferente. É interessante que ao observarmos essa diferença podemos verificar que essa variação foi de acordo com o grau de experiência de cada professor/técnico, tanto na modalidade basquetebol, quanto na competição. Dos quatro aspectos analisados o “pessoal” foi o mais citado por esse grupo de atletas, o que mostra a importância da afetividade do treinador na relação com os atletas jovens.

Expressão Chave: Liderança, Esporte Escolar, Percepção, Olimpíada Colegial.

ABSTRACT

The theme "competition" in the childhood and in the adolescence it is controversial being focus of constant discussions among the specialists of the area. The great inquiry that she do is been the competitive sports they provide real benefits in the aspects physiologic, psychological and social for the youths athletes. The style of leadership of the teacher/coach in the competition process is very important, because a high a lot of expectation in relation to the success, naturally generates collections in relation to the revenue and, in that way, the psychological aspects can be affected. The teacher/coach has a preponderant paper in the perception that the athlete does of the competition, and in the way how you/he/she will face like this her, your leadership style, without a doubt, you/he/she can interfere in all the aspects biopsicosociais. The form as the teacher/coach will intervene during the interval e/ou to elapse of a departure he/she has an important impact in the athlete's production, mainly in a sport as the basketball, in which the leader's intervention is made necessary the all the moment. If that intervention be accomplished in a punctual and positive way, it can become one of the decisive factors for the success of that team. That work had as objective identifies the style of leadership of the participant teacher/coach of the Infantile Collegiate Olympics under the basketball athletes' perception. They made part of that study 4 teacher/coach and 48 athletes of the basketball teams, masculine and feminine, of the Infantile category, with ages between 15 and 17 years, participants of the Collegiate Olympics of the State of São Paulo in the Phase of Management of Teaching (D.E), of the area of Tupã. A structured questionnaire of closed questions was used for the characterization of the teacher/coach and an interview with a generating subject, to verify the athletes' perception with relationship to the teacher's behavior. The analysis of the data for the teachers' characterization was led with the descriptive statistics resource and to verify the athletes' perception Analysis of the Content it was used an approach of qualitative order, with the objective of assuring a coherent interpretation of the perception that the athletes have of the teacher/coach. That is an used technique when the objective is had of knowing him/it that this for he/she brings of the words or depositions, in other words, the search of other realities through the messages. The units of registration were analyzed and contained in agreement with the theme or nucleus of significance of the words that it expressed an idea of equivalent sense, constituting like this the category of the units of thought. After that process of category of the interviews two categories appeared, that sub-became separated in category the, (Personal and Professional aspects) and category B, (aspects of Instruction and Feedback). The results showed that, the athletes of the team I and III in the which the teacher/coach was characterized as more experts in the competition and in the modality, they had a positive perception with high approval level to the style of leadership of the teacher/coach in all the aspects personnel, professional, of instruction and feedback. Although the teacher/coach of the team II and IV, with less experience in competitions and in the modality basketball, they had your leadership style evaluated as positive in the aspect personal, and negative in the professional aspects, instructions and feedback. Concluding, we can say that the style of leadership of the 4 participant professors/technician of the Collegiate Olimpíada of the State of São Paulo, Infantile category, perceived for its athletes was different. It is interesting that when observing this difference we can verify that this variation was in accordance with the degree of experience of each professor/technician, as much in

the modality basketball, how much in the competition. Of the 4 analyzed aspects the “staff” was cited by this group of athlete, what he shows the importance of the affectivity of the trainer in the relation with the young athletes.

Key expression: Leadership, School Sport, Perception, Collegiate Olympics

CAPITULO I

INTRODUÇÃO

1.1 Definição do problema.

O esporte vem ocupando um espaço cada vez maior na vida das pessoas, especialmente das crianças e jovens. Apesar disso, o tema “competição” na infância e na adolescência é polêmico, sendo foco de discussões constantes entre os estudiosos da área. O grande questionamento é, se os esportes competitivos proporcionam reais benefícios nos aspectos fisiológicos, psicológicos e sociais para os jovens atletas. Alguns pesquisadores afirmam que se o esporte não for adequado às necessidades e capacidades dos jovens praticantes, pode trazer prejuízos à sua formação, enquanto outros enaltecem a competição por acreditarem no processo que ocorre em sua prática pode ser um fator preponderante na formação do ser humano.

Eu me vi diante desses questionamentos em relação ao esporte infantil, quando comecei a trabalhar como Professora de Educação Física na Secretária da Educação do Estado de São Paulo, e como Técnica Desportiva da Secretaria da Juventude Esporte e Lazer, duas Secretarias distintas que organizam, em conjunto, a Olimpíada Colegial do Estado de São Paulo nas categorias Juvenil, Infantil, Mirim e Pré-Mirim. Há dez anos acompanho esse campeonato na função de supervisora técnica e, nesse período, dois fatos me chamaram atenção: O primeiro sobre o estilo de liderança dos professores/técnicos. Alguns agiam firmemente na disciplina, com freqüência usavam medidas punitivas para reforçar as regras e ameaças buscando

“motivar” os atletas, enquanto outros usavam meios positivos, realizavam intervenções passando instruções claras e objetivas, destacando as boas condutas em treino e na competição segundo a percepção que os atletas tinham do comportamento do treinador/técnico e de suas ações dentro da competição.

A competição é um estímulo, no qual vários atletas de uma mesma equipe podem ter percepções diferentes dessa situação, pois ela corresponde ao que o atleta vê, ouve e sente, ou seja, quem compete pode ser submetido à exigências de vários tipos, como o sistema de disputa, o grau de importância da competição, exigência do técnico, torcida, árbitro, pais, etc.

Para De Rose Junior (2002a, p. 32), “a complexidade do processo competitivo exige que o indivíduo esteja preparado para enfrentar suas demandas características que aumentam de acordo com o grau de formalidade e a importância da competição”.

O treinador de atletas jovens tem uma responsabilidade que se estende além do resultado esportivo, através de suas atitudes e comportamentos pode contribuir positiva ou negativamente na preparação física, técnica, tática, psicológica e social de crianças e adolescentes (BUCETA, 2004).

Seu estilo de liderança no processo de competição é muito importante, pois uma expectativa muita elevada em relação ao êxito, naturalmente gera cobranças em relação ao rendimento e, dessa forma, os aspectos psicológicos como a concentração e motivação, podem ser afetados gerando ansiedade e estresse.

Além do mais, o técnico tem um papel preponderante na percepção que o atleta faz da competição e da forma como vai enfrentá-la, seu estilo de liderança é, sem dúvida, um fator de suma importância, podendo interferir em todos os aspectos e influenciar no sucesso ou fracasso de uma equipe, (DE ROSE JUNIOR, 2002a).

“Os técnicos de atletas jovens devem ser preparados para trabalharem especificamente, com essa faixa etária, devem ter sensibilidade e intuição para entenderem melhor o comportamento emocional e social de seus atletas, evitando cargas excessivas no treinamento e exigências psíquicas excessivas na competição” (SAMULSKI, 1992, p, 15).

Para que isso ocorra devem-se utilizar as competições, como experiências formativas, independentemente do resultado. As atitudes do treinador durante as competições devem ser positivas, focalizadas nas ações positivas dos atletas, elogiando e corrigindo quando necessário. (SAMULSKI, 1992)

A intervenção dos professores/técnicos durante o intervalo e/ou decorrer de uma partida tem um impacto relevante na produção do atleta, principalmente em um esporte como o basquetebol, no qual a intervenção do líder se faz a todo o momento. Se essa intervenção for realizada de forma pontual e positiva, pode se tornar um dos fatores determinantes para o sucesso dessa equipe.

Diante do exposto acima essa dissertação tem os seguintes objetivos:

1.2 – Objetivo Geral

Analisar o estilo de liderança dos professores/técnicos, participantes da Olimpíada Colegial Infantil do Estado de São Paulo sob a percepção dos atletas de basquetebol.

1.3 - Objetivos Específicos

→ Analisar o estilo de liderança dos professores técnicos;

→ Avaliar a percepção dos atletas sobre o estilo de liderança dos professores/técnicos através de uma pergunta geradora;

→ Analisar se a percepção dos atletas sobre o estilo de liderança dos professores/técnicos altera de acordo com o grau de experiência profissional do professores/técnicos.

1.3 Justificativa

As estatísticas realizadas pela Secretária da Juventude Esporte e Lazer e Secretária da Educação em relação ao número de participantes constatou que cerca de 125 mil atletas participaram da Olimpíada Colegial, categoria Infantil, no ano de 2005. Não podemos ignorar a importância do estudo de uma competição desse nível, além do fato de que, na revisão da literatura não encontramos nenhum estudo que fizesse referência à Olimpíada Colegial do Estado de São Paulo.

A escolha pela modalidade Basquetebol, ocorreu por ser um esporte dinâmico que necessita de uma interferência maior do técnico no decorrer do jogo. As regras desse esporte permitem que, em diversos momentos, os técnicos dêem instruções; A saber:

- Nos períodos de tempo debitado que são 5 para cada equipe;
- Nos intervalos de 2 minutos, entre o 1º e 2º quarto e 3º e 4º quartos;
- No intervalo do jogo de 15 minutos entre 2º e 3º quartos;
- E a qualquer momento, sempre que ache necessário, poderá intervir junto à equipe ou a um jogador específico desde que não ultrapasse o espaço para ele reservado.

Nessa competição fica explícita a importância do comportamento de liderança do professor/técnico. Com sua intervenção, esse pode levar sua equipe a vitória ou a derrota, tudo vai depender da importância dada a essa competição pelos atletas e técnicos. Quanto maior for o grau de importância da competição, mais cobranças poderão ser feitas por parte dos professores/técnicos e, se os atletas perceberem que não estão preparados para enfrentar esses desafios, essas cobranças poderão ser um potencial gerador de ansiedade e estresse.

Este estudo sobre comportamento de liderança dos professores/técnicos e a percepção que os atletas têm desse comportamento poderá contribuir para aumentar os conhecimentos relativos: como os atletas percebem esse estilo de liderança dos professores/técnicos que participam da Olimpíada Colegial; E avaliar a influência do estilo de liderança no comportamento dos atletas.

Espera-se que os resultados deste estudo sejam úteis para que os professores/técnicos atuantes na Olimpíada Colegial ou áreas afins possam ter informações pertinentes ao assunto “estilo de liderança” e “percepção dos atletas”. E possam fazer uma reflexão da sua conduta como professor/técnico em diferentes contextos situacionais da competição.

1.4 Delimitação do estudo

Este estudo se restringe à avaliação de quatro professores/técnicos de quatro equipes de basquetebol, duas equipes masculinas e duas equipes femininas, da categoria Infantil com idades entre 15 e 17 anos. As equipes foram escolhidas aleatoriamente dentre as participantes da Olimpíada Colegial do Estado de São Paulo na Fase de Diretoria de Ensino (D.E.), da região de Tupã.

CAPITULO 2

REVISÃO DA LITERATURA

A relação entre esporte e psicologia começou a ser estabelecida e dinamizada no final do século XIX com os primeiros estudos tentando identificar influências dos fatores psicológicos no rendimento de atletas. A partir de 1965 quando realizaram o 1º Congresso Mundial de Psicologia do Esporte (em Roma), a Psicologia do Esporte entrou definitivamente no rol das disciplinas que compõem as chamadas “Ciências do Esporte” (DE ROSE JUNIOR, 1993; WEINBERG & GOULD, 2001).

De acordo com De Rose Junior (2004), a Psicologia do Esporte tem duas grandes áreas de investigação:

1 - Aspectos relacionados à prática esportiva estruturada, visando o rendimento esportivo individual e/ou coletivo, cujo objetivo é a obtenção do melhor desempenho. Nesta área há três questões básicas a serem respondidas:

- De que maneira a atividade esportiva e a competição afetam o comportamento dos indivíduos e interferem em seu desempenho?
- Quais os fatores psicológicos relacionados a essas atividades que podem interferir no desempenho dos envolvidos na prática esportiva?
- Quais os fatores externos que podem afetar o desempenho dos envolvidos?

2. Aspectos relacionados às atividades físicas espontâneas (praticadas por pessoas sem a conotação esportiva competitiva independente de resultados) e que pretende responder às seguintes questões:

- Como a atividade física pode contribuir para o bem estar dessas pessoas?
- Quais as atividades recomendadas para combater o estresse, a ansiedade, a depressão, etc?

Considerando-se a primeira linha de investigações como a mais relacionada com a minha, direcionaremos o estudo aos aspectos psicológicos do atleta e o comportamento dos técnicos no momento da competição.

2.1 LIDERANÇA

Em uma revisão acerca do termo liderança feita por Brandão & Valdés (2005, p.16), existe um consenso de que “liderança significa a capacidade de influenciar pessoas para trabalharem juntas, para o alcance das metas e objetivos, de maneira harmônica”.

Em termos gerais, o Líder é a pessoa que, em dado tempo e lugar por suas ações, modifica, orienta, dirige ou controla atitudes, ações e comportamento social de um ou mais adeptos ou seguidores.

Para Becker Junior (2000), a liderança é uma relação de interação entre a personalidade do indivíduo e a situação, uma vez que, toda situação requer talentos especiais para enfrentá-la e resolver os problemas que surgem dela.

Podemos definir liderança no esporte como o "processo comportamental de influenciar indivíduos e grupos na direção de metas estabelecidas" Barrow (1997), citado por Weinberg & Gould (2001 p.212). No âmbito esportivo, esta influência pode ser entendida nas tomadas de decisões, nas relações interpessoais e nas posições

de direção do grupo ou equipe com confiança, poder de persuasão e convencimento, além de convicção e legitimidade.

Weinberg & Gould (2001) dizem que na década de 20, pesquisadores tentaram determinar quais características ou traços de personalidade eram comuns a grandes líderes em diferentes ambientes. Tais pesquisadores eram favoráveis à teoria de traço, ou seja, acreditavam que traços de liderança eram características de personalidades relativamente estáveis, da mesma forma que, inteligência, otimismo, independência e autoconfiança. Portanto, para eles os líderes bem sucedidos possuíam certas características de personalidade que os tornariam prováveis de serem líderes, independentemente da situação que eles se encontrassem.

Porém, a abordagem de traço perdeu credibilidade quando Stogdill (citado por Weinberg & Gould, 2001) revisou mais de uma centena de estudos de liderança sob a perspectiva da teoria do traço e encontrou que poucos traços de personalidade eram consistentes, ou seja, embora certos traços parecessem ser úteis para um líder, eles certamente não eram fundamentais nem garantiam uma liderança bem-sucedida.

A liderança deve ser considerada de forma específica, de acordo com a tarefa executada, ou seja, se uma pessoa surge como um líder de uma equipe esportiva, isto não significa, necessariamente, que se tornará líder em outras situações.

Os líderes, normalmente, são escolhidos por alguém, mas também podem surgir espontaneamente, sendo que esses são mais efetivos porque possuem o respeito e o apoio de membros da equipe ou do grupo. Geralmente, os líderes que surgem espontaneamente possuem habilidades de liderança especiais ou grandes capacidades técnicas, tornando a liderança mais efetiva (Weinberg & Gould, 2001).

A liderança efetiva no esporte depende das características do treinador e dos atletas, da estrutura da tarefa a realizar e da especificidade da situação (SAMULSKI, 2006).

Para Martens (1987 citado por Martens, 2002, p. 126), a liderança efetiva é determinada por quatro componentes interligados que direcionam o grupo ao alcance das metas estabelecidas. (fig.1)

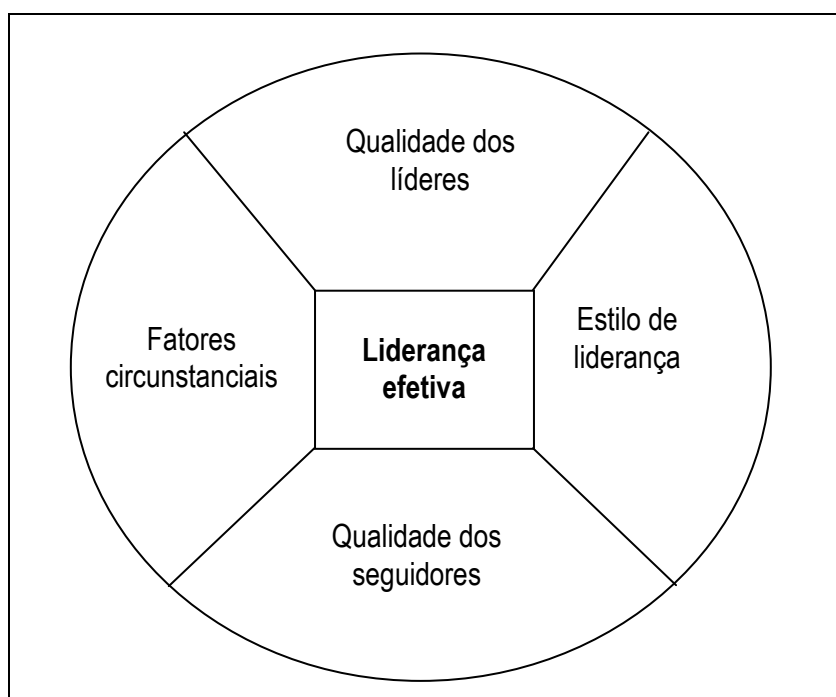


Figura 1: Quatro componentes da liderança efetiva. (Martens, 1987)

1 – Qualidades do líder: Os grandes líderes têm habilidade de entender as percepções, pensamentos e sentimentos de outras pessoas, é o que chamamos de empatia. A empatia permite conhecer motivos, interesses e necessidades de seus atletas e envolve três passos: reconhecer a necessidade de ser empático; estabelecer um tempo para se conhecer; agir de maneira apropriada em relação à

situação específica que está sendo vivenciada para conseguir alcançar as metas desejadas (MARTENS, 2002, p.127).

2 – Estilo de liderança: Esse estilo pode ser autoritário e ou democrático. Líderes efetivos são aqueles que conseguem adotar ambos os estilos considerando a especificidade do grupo, da tarefa e da situação (MARTENS, 2002, p.127).

3 – Fatores circunstanciais: Os fatores circunstanciais ou situacionais estão relacionados ao tipo de esporte coletivo e individual, interativo ou co-participativo, com o tamanho do grupo, tempo disponível para realizar determinadas atividades e também com a tradição do estilo de liderança do grupo (MARTENS, 2002, p.127).

4 - Características dos liderados: Bons líderes devem considerar os tipos de personalidade, motivos e valores dos atletas. Geralmente, os líderes que obtém êxito têm algumas características em comum com os membros do grupo (MARTENS, 2002, p.128).

O líder toma a iniciativa e parece conduzir, ou até mesmo, guiar o grupo ou a equipe ao objetivo que pretende, fornecendo recursos e estratégias para se alcançar a meta planejada (WEINBERG & GOULD, 2001, p.238).

Segundo Brandão (2001, p 154), para que o líder esportivo consiga que os membros de uma equipe desempenhem o máximo de esforço na busca de seus objetivos, é fundamental que ele possua certas características de personalidade, tais como:

- *entusiasmo*: treinadores com alto grau de entusiasmo tendem a influenciar positivamente seus esportistas;

- *integridade*: os esportistas necessitam confiar que seu líder está comprometido com o trabalho que desenvolve, é honesto e fala sempre a verdade.

- *Sentido de propósito e direção*: um bom líder de grupo precisa ter domínio do treinamento e conhecimento da modalidade que trabalha;

- *Disposição*: para poder suportar a demanda física e psíquica o treinador precisa ter muita disposição e uma alta capacidade para trabalhar com as cargas requeridas;

- *Coragem*: um treinador necessita ter determinação de tomar decisões e selecionar, entre várias possibilidades, as ações mais adequadas para o momento.

O treinador deve ser o primeiro a acreditar que as metas propostas são possíveis de serem atingidas para que os atletas também acreditem. Essa conduta será um reforço positivo na sua relação com o grupo, e a confiança que o grupo deposita no treinador depende de sua integridade e honestidade, coerência e bom senso.

Weinberg & Gould (2001), relatam que pesquisas revelaram que vários fatores pessoais e circunstanciais afetam o comportamento do líder no esporte e na atividade física. Esses incluem particularidades como: idade, maturidade, sexo, nacionalidade e tipo de esporte. As conseqüências do comportamento podem ser vistas em termos da satisfação, do desempenho, e da coesão do grupo. Por exemplo, a satisfação dos atletas é alta quando há um “bom casamento” entre seu estilo de treinamento preferido e o estilo de treinamento real do técnico.

Para Craty (1984, p.181), a conduta do treinador, como comandante do grupo, poderá estar direcionada para dois estilos. O líder orientado para a tarefa, normalmente autoritário, de pouco interesse pelas relações pessoais é muito mais preocupado com o resultado; ou, então, o líder orientado para a pessoa, que é mais carismático, valorizando igualmente todos os integrantes do grupo.

Noce (2002), sugere algumas diretrizes que ajudaram a garantir uma liderança efetiva dos treinadores:

1 - O treinador deve ter capacidade de analisar rapidamente situações complexas (especialmente nos jogos), antecipar problemas e conflitos sociais, decidir e reagir rapidamente de forma adequada. Por esse motivo o treinador deve participar de programas de treinamento de percepção, antecipação, decisão e comunicação.

2 - No treinamento e na competição apresentam-se, freqüentemente, conflitos pessoais entre atletas ou entre treinadores e atletas. O treinador deve ter uma boa sensibilidade para perceber conflitos sociais e desenvolver capacidade de analisá-los e solucioná-los.

- Um bom treinador deve ter capacidade de planejar, organizar, e controlar bem o treinamento e, especialmente, estabelecer as tarefas técnico-táticas e as exigências psicossociais durante o treino e a competição.
- O treinador deve ter capacidade de estabelecer metas concretas e exigentes de treinamento a curto, médio e longo prazo. Deve controlá-las e modificá-las quando necessário e estabelecer metas comuns com as quais todos os atletas se identifiquem emocionalmente.
- Um bom treinador deve ter a capacidade de desenvolver a liderança efetiva em seus atletas jovens.

Por esses motivos um bom treinador deve desenvolver a capacidade de adaptar-se rapidamente a diferentes grupos, exigências, tarefas (técnicas-táticas), situações, comportar-se de forma flexível e variável, e independente da situação ele tem que saber se comportar de forma autoritária ou democrática (NOCE, 2002).

Chelladurai (1990) desenvolveu o *Modelo Multidimensional de Liderança no Esporte* especificamente para situações atléticas (figura 2). Seu modelo conceitualiza liderança como um processo interacional, ou seja, a efetividade do líder no esporte depende de características circunstanciais tanto do líder como dos membros do grupo. Portanto, a liderança efetiva pode variar dependendo das características dos atletas e das limitações e exigências impostas pela situação ou meio esportivo.

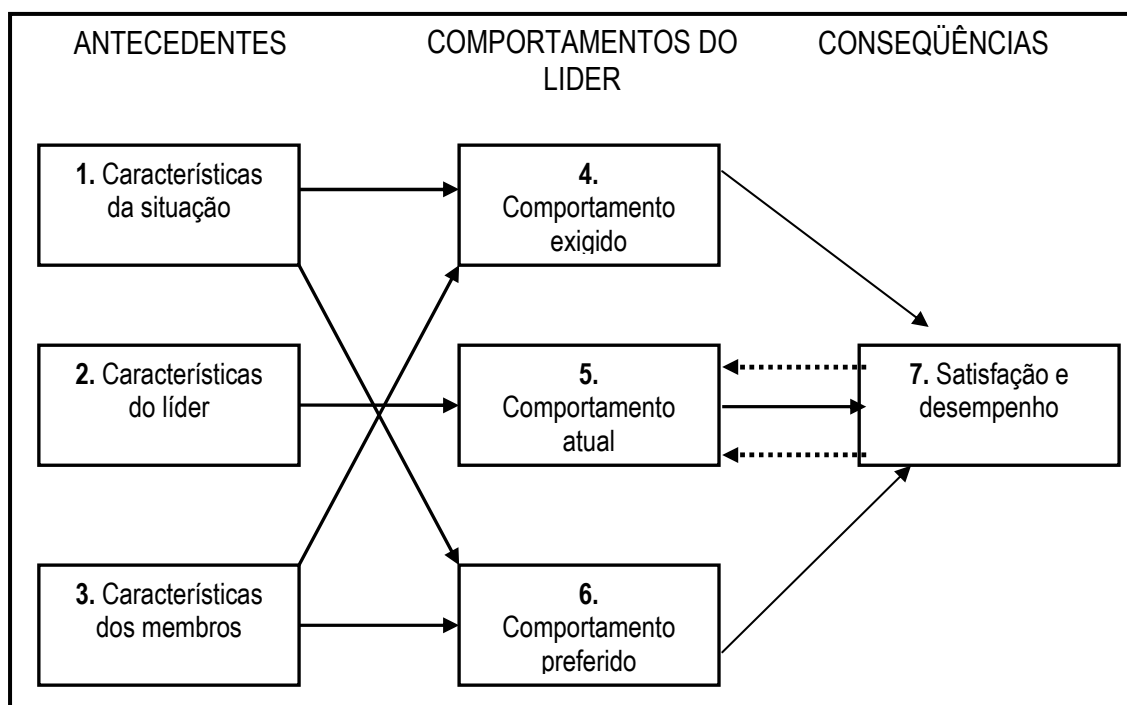


Figura 2: Modelo multidimensional de liderança para esportes (CHELLADURAI, 1990)

Pode-se observar na figura 2 que o desempenho do grupo e a satisfação dos atletas (caixa 7 na figura) dependem de três tipos de comportamento do líder: comportamentos exigidos (caixa 4), preferidos (caixa 6) e atuais (caixa 5). A situação (caixa 1), o líder (caixa 2) e os membros (caixa 3) induzem aos três tipos de comportamentos, por isso são chamados de antecedentes. As características do

líder são os fatores pessoais, enquanto as características situacionais e as características dos membros são os fatores circunstanciais.

As características situacionais (caixa 1) influenciam diretamente o líder, determinando e impondo limitações, levando-o a adotar um comportamento exigido (caixa 4) que é também influenciado pelas características dos membros dos grupos.

Os membros do grupo (caixa 3) têm preferências por determinados tipos de comportamento do líder (caixa 6). Essas preferências, por sua vez, estão dependentes não só das características dos membros, mas também das características situacionais (caixa 1).

As características do líder, como personalidade, capacidade e experiência (caixa 2), afetam seu comportamento. O comportamento atual e real é indiretamente afetado tanto pelas preferências do grupo como pelas exigências da situação.

No modelo multidimensional de liderança no esporte, o treinador pode apresentar três tipos de comportamento:

1 - Comportamento exigido ou requerido do líder: Cada situação exige ou impõe um comportamento diferente do líder. Como por exemplo: a estrutura organizacional, as normas e os valores do clube ou do grupo ditam um comportamento. Em outras palavras, as normas são estabelecidas pela organização e espera-se que as pessoas se ajustem às normas estabelecidas.

2 - Comportamento preferido do líder: Os membros do grupo têm preferências por determinados tipos de comportamentos do líder. Essas preferências são dependentes não só de variáveis como a idade, o sexo e o tempo de experiência no esporte, mas também de variáveis de personalidade (como a

necessidade de realização, de afiliação e de competência na tarefa) que influenciam a preferência por um determinado membro.

3 - *Comportamento atual ou real do líder*: Comportamentos atuais do líder são os comportamentos exibido por ele, nas diversas situações da competição.

Um resultado positivo – ou seja, ótimo desempenho e satisfação do grupo – acontecerão se os três aspectos do comportamento do líder estiverem de acordo. Se o líder se comportar adequadamente para a situação em particular, ou seja, se os comportamentos exigidos, os comportamentos preferidos e os comportamentos atuais do treinador forem consistentes e congruentes, e esses comportamentos se ajustarem às preferências dos membros do grupo, eles atingirão seu melhor desempenho e se sentirão satisfeitos.

Para avaliar e medir os comportamentos de liderança do treinador, foi desenvolvido por Chelledurai & Saleh (1980) um instrumento denominado *Leadership Scale for Sports* – LSS, Escala de Liderança no Desporto. Em sua versão original, este instrumento foi desenvolvido para medir cinco dimensões do comportamento do líder: a) Treino e instrução; b) Apoio social; c) Feedback positivo; d) Comportamento autocrático; e) Comportamento democrático. A LSS tem como objetivo avaliar os comportamentos de liderança, incluindo a preferência dos atletas por condutas específicas, suas percepções sobre as condutas dos treinadores e a percepção que os treinadores têm de si mesmo. Recentemente, a LSS foi revisada e modificada por Zhang, Jensen e Mann (1997 citados por Samulski, 2006) sendo denominada Escala de Liderança Revisada para o Esporte - *Revised Leadership Scale for Sport* (RLSS). A RLSS apresenta três versões distintas (percepção, preferência e autopercepção) e tem como objetivo medir seis dimensões do

comportamento do líder: a) Treino e instrução; b) Suporte social; c) Reforço positivo; d) Consideração situacional; e) Comportamento autocrático; f) Comportamento democrático.

Assim, com base no Modelo Multidimensional de Liderança e a Escala de Liderança Revisada para o Esporte, pode-se traçar o perfil de liderança do treinador na visão das atletas (real e ideal) e na autopercepção do treinador (real) e relacioná-los com o desempenho e a satisfação da equipe (SAMULSKI, 2006).

Brandão & Valdés (2005) afirmam que muitas pessoas crêem que a principal tarefa de um treinador se resume em melhorar as habilidades físicas, técnicas e táticas de seus esportistas. É evidente que essas tarefas são essenciais para o alcance da excelência da prática esportiva e são responsabilidades do treinador, porém, os treinadores também são cruciais no trabalho de guiar os seus esportistas em seu desempenho de forma consistente, apesar do esgotamento, da pressão, dos oponentes e dos diferentes âmbitos esportivos da competição.

Existe um consenso entre os pesquisadores (Brandão & Valdés, 2005; Lopes, Samulski & Noce, 2004; Weinberg & Gould, 2001) de que as características dos atletas, como o sexo, a maturidade, a idade, o tempo de experiência no esporte, o nível de capacidade e o tipo de temperamento e personalidade, são essenciais para determinar o comportamento e a efetividade de um líder.

2.2 LIDERANÇA NO ESPORTE INFANTIL.

Não se sabe até onde o comportamento de liderança do treinador interfere na derrota ou na vitória de uma partida, mas, segundo Simões (1994), não restam

dúvidas de que ele exerce um papel importante na busca do rendimento de uma equipe.

Por esse motivo, o treinador de atletas jovens tem uma responsabilidade que se estende muito além do resultado esportivo, através das suas atitudes e comportamentos pode contribuir positiva ou negativamente no desenvolvimento dos atletas. Sua atuação tem que estar vinculada a um estilo de liderança próprio, respeitando as diferentes personalidades dos seus atletas, e utilizando um sistema de trabalho específico para a idade, sempre com o objetivo de alcançar uma formação integral dos jovens (OLIVEIRA, 2005).

O desenvolvimento dos atletas jovens deve estar direcionado a um processo que envolva mutuamente o treinador e o atleta, em relação às decisões de aperfeiçoamento e de especialização, com maior ênfase no processo formativo do que no produto a ser formado. O sucesso não deve estar atrelado somente à obrigação da vitória ou do ganho a qualquer custo. O técnico que conseguir manter essas metas para a formação esportiva dos jovens, além de associar ao seu trabalho características pessoais, como de um ser carinhoso, afetivo, alegre, ter atitude e condutas paternas, poderá ainda contribuir para o encaminhamento dos atletas ao profissionalismo (SERPA, 1999, p.33).

O treinador deve também entender o desenvolvimento do atleta não exclusivamente sob os aspectos físico-técnico-tático, mas também deve preocupar-se com desenvolvimento intelectual, motivacional, e emocional, (SAMULSKI, 1992).

O papel do treinador é ajudar o atleta a encontrar um nível ótimo de desenvolvimento pessoal juntamente com o aperfeiçoamento esportivo. Nesse processo, estarão implícitos os valores em que acredita e com base nos quais administra seu comportamento. Assim, percebendo, torna-se um modelo e sua

conduta será determinante para influenciar e interferir na carreira e na vida pessoal do atleta, especialmente quando se tratar de jovens (SERPA, 1999, p.33).

Os líderes também devem ser preparados para trabalhar, especificamente, com essa faixa etária, e devem possuir uma grande sensibilidade e intuição para entender melhor o comportamento emocional e social dos atletas, evitando cargas excessivas no treinamento e exigências psíquicas excessivas na competição (SAMULSKI, 1992).

O mesmo autor ainda defende que os treinadores devem saber diferenciar bem as medidas e programas do treinamento considerando as diferentes faixas etárias, e diferentes níveis de rendimento. Precisa também da cooperação do psicólogo do esporte, especialmente, na fase de planejamento do treinamento para garantir um desenvolvimento ótimo dos atletas jovens e evitar problemas psicossociais.

Smoll & Smith (1984) desenvolveram um sistema que foi designado CBAS (*Coaching Behavior Assessment System*). O CBAS avalia 12 dimensões do comportamento dos treinadores, classificadas e categorizadas em dois tipos principais dos seus comportamentos: comportamentos reativos e comportamentos espontâneos. Comportamento reativo do treinador se refere às respostas comportamentais em face ao rendimento ou esforço desejável dos atletas, erros e comportamentos inadequados ou desajustados por parte dos atletas. Por sua vez os comportamentos espontâneos do treinador referem-se a comportamentos de atletas no contexto do jogo e competição, no qual o treinador realiza sua intervenção de forma espontânea.

Vários estudos realizados na formação de treinadores de atletas jovens que estão na fase de formação (CRUZ & GOMES, 1996). Esses estudos sugerem, de um modo geral, os seguintes aspectos:

1 - A superficial percepção que os treinadores têm do comportamento e da frequência com que realizam intervenções positivas e encorajadoras;

2 - A necessidade de aumentar, nos treinadores, sua consciência do modo e da forma como se comportam (existe uma mínima autopercepção do treinador em relação às percepções exatas que os atletas têm do seu comportamento);

3 - Ocorreu uma avaliação mais positiva dos colegas de equipe e do esporte praticado, por parte dos atletas de treinadores que recorreram freqüentemente ao apoio social e ao reforço positivo após bons rendimentos;

4 - Os atletas avaliaram os treinadores de forma mais positiva, quando estes utilizavam um elevado nível de reforço e encorajamento após erros ou fracassos cometidos.

5 - Alguns comportamentos dos treinadores afetavam de forma decisiva a auto-estima e a autoconfiança dos atletas (é significativamente mais elevada nos atletas que recebem freqüentemente o reforço e o encorajamento após os erros);

6 - Existe uma forte e significativa relação entre as percepções que os atletas têm dos comportamentos dos treinadores e as atitudes manifestadas (como respeito, admiração, raiva, medo...) em relação ao treinador.

Foi sugerido nesses estudos aos treinadores que tiveram uma formação psicológica, aprenderam se comunicar melhor e de forma mais positiva com seus atletas (CRUZ & GOMES, 1996)

Em outro estudo, Barnett e Smoll & Smith (1992), verificaram que jogadores da liga juvenil cujos técnicos compareceram a um seminário designado a facilitar a interação positiva entre técnico-atleta tiveram uma taxa de desistência de 5% durante a temporada seguinte, enquanto um grupo de jogadores do grupo-controle teve uma taxa de desistência de 29%.

Podemos verificar que interações positivas entre técnicos e atletas jovens ajudam os atletas a se manterem envolvidos e participativos no esporte, enquanto suas experiências podem se tornar mais positivas.

Para Buceta (2004, p. 81) o estilo de trabalho do treinador de atletas jovens deveria ser caracterizado por alguns aspectos relevantes para se alcançar êxito.

Estes aspectos estão especificados no quadro abaixo:

Quadro 1 – aspectos relevantes para alcançar êxito no esporte. (Buceta, 2004)

Ter muito interesse e dedicação pelo trabalho que se prontificaram a realizar, motivando todos aqueles que estão ao seu comando;

Tratar os atletas com dignidade e respeito, evitando insultá-los, menosprezá-los, ou ridicularizá-los na frente dos demais;

Levar o atleta a alcançar sucesso, com atitudes construtivas positivas;

Não atuar de forma incoerente, muitas vezes levado pela emoção, tem que ter atitudes justas, consistente com critérios e objetivos que devem ser mantidos, independentemente, dos momentos adversos que possam surgir;

Nunca exigir esforços e rendimento dos atletas maior do que a capacidade real desses:

a) Sempre estabelecer metas que possam ser alcançadas;

b) Ter consciência de que inevitavelmente ocorrerão erros, e que qualquer atleta, por mais competente que seja, erra, mas esses erros são normais e os treinadores devem aceitar com naturalidade como parte do processo de formação desses jovens.

Respeitar esses aspectos e ter consciência de que, trabalhar com atletas jovens, pode ser um dos caminhos para conseguir alcançar objetivos desportivos e formativos que devem ser predominantes nesse tipo trabalho.

Martens (2002, p.16), acredita que o jovem desportista por características própria da sua idade, tem alguns direitos diferenciados do adulto desportista dentro da competição, e por essa razão editou a carta de direito dos Jovens, que é traduzida no quadro 2 a seguir:

Quadro 2 – Carta dos direitos de atletas jovens. (Martens, 2002)

<i>É direito do jovem praticar esporte;</i>
<i>Direito a participar de uma categoria que corresponda a sua idade e sua capacidade;</i>
<i>Direito de terem líderes adultos e qualificados;</i>
<i>Direito de criança compartilhar com líderes as decisões sobre a sua prática esportiva;</i>
<i>Direito de participar de atividades seguras e saudáveis;</i>
<i>Direito de uma preparação apropriada para prática esportiva;</i>
<i>Direito à igualdade e a oportunidade de ter êxito;</i>
<i>Direito a ser tratado com dignidade;</i>
<i>Direito a se divertir praticando esporte.</i>

Como podemos perceber, o treinamento desportivo de crianças e jovens devem ser criativos, com exercícios variados para que se divirtam e aprendam, em um ambiente agradável e divertido, realizando tarefas que dominam para conseguir alcançar os objetivos propostos pelo treinador.

As utilizações de algumas estratégias poderão motivar a participação dos atletas nos treinamentos: a) o treinador deve ter consciência que os avanços dos

atletas jovens ocorrem lentamente, portanto, deve se ter paciência com o ritmo de aprendizagem de cada atleta, b) palavras de aprovação e elogios devem predominar sobre outros tipos de comentários; c) o treinador deve sempre buscar incentivar ações positivas nos treinos, valorizando e exaltando essas ações. (BUCETA, 2004, p. 84)

Essas estratégias devem ser utilizadas nos treinos e competições, sempre de maneira objetiva, positiva e construtiva, (BUCETA, 2004, p. 244): Ou seja, a) Objetiva, devem estabelecer objetivos realistas, do que o seu atleta pode realizar (antes), o que ele pode fazer (durante), e uma análise do que ele fez (depois) da competição; b) Positiva, no momento da competição devemos somente reforçar condutas positivas, deixando as correções dos erros para o término das competições, para que o atleta possa jogar sem medo do fracasso e c) Construtiva, aproveitar a competição para novas experiências construtivas e formativas. Os treinadores deveriam utilizar as experiências formativas na competição, independentemente dos resultados, e essas experiências deveriam ser o principal objetivo a ser alcançado pelos treinadores na competição infantil.

2.3 COMPETIÇÃO INFANTO JUVENIL

Martens, Vealley & Burton (1990) definem a competição como a situação na qual o desempenho de uma pessoa é comparado com algum padrão já existente, na presença de, pelo menos, outra pessoa que conheça os critérios para a comparação e que possa avaliar o processo.

Culturalmente no Brasil, o esporte é conceituado como uma ação social institucionalizada com regras convencionais possuindo caráter lúdico ou de

rendimento onde ocorre a competição entre duas ou mais pessoas oponentes, cujo objetivo é a comparação de desempenho para estabelecer um vencedor ou registrar recorde (Ferraz, 2002).

Segundo Martens, Vealley & Burton (1990), o processo competitivo é composto por quatro componentes complexos, são eles:

- *Situação competitiva objetiva*: são estímulos objetivos do meio ambiente – material, equipamentos, instalações, adversários, técnicos, jogo, etc.
- *Situação competitiva subjetiva*: interpretação que cada indivíduo faz das situações anteriores.
- *Respostas*: é a maneira como cada indivíduo reage e interpreta a competição. Essas respostas podem ocorrer no plano fisiológico, psicológico, psicomotor e social, podendo haver combinações de diferentes fatores.
- *Conseqüências*: feedback para orientação de novos comportamentos, que pode incluir a satisfação, o retorno à atividade, o enfrentamento, a fuga ou o abandono.

O processo competitivo se torna ainda mais complexo quando esses quatro componentes que são influenciados diretamente por características pessoais como os traços de personalidade, níveis de habilidades, motivos e atitudes dos indivíduos, são direcionados para o público infante-juvenil.

Entende-se como categoria infante-juvenil o período que vai desde a segunda infância (por volta dos sete anos) até o final da adolescência (por volta de 17 ou 18 anos). Na revisão da literatura esse período é definido especificamente em função da realidade competitiva nacional, que tem uma maior incidência nessa faixa etária de sete aos dezoito anos (De ROSE JUNIOR, 2002b).

Tema de muitas controvérsias, a competição infanto-juvenil tem sido estudada sob diversas perspectivas: biológica, psicológica (cognitiva e emocional) e social. Todos esses aspectos estudados levam às opiniões diversificadas sobre os benefícios ou prejuízos da participação da criança e do jovem em qualquer processo competitivo esportivo. Segundo Vieira (2006) há opiniões radicais que sugerem a proibição pura e simples, bem como a liberação irrestrita. Outras opiniões, mais sensatas, indicam de forma coerente e lógica a forma como esse processo deve ser introduzido na vida do atleta infanto-juvenil.

A competição esportiva para crianças deve seguir considerações muito importantes, tais como: respeito ao crescimento e desenvolvimento, prontidão para a demanda exigida, pressões psicológicas da família, treinador e torcida. Bayer (1983 citado VIEIRA, 2006, p.19) ressalta que respeitar os períodos sensíveis do desenvolvimento da pessoa é um aspecto fundamental no processo de aprendizagem.

Neste contexto, Martens (2002. p. 34) destaca:

“Não é o confronto, a competição, ou o tipo de desporto praticado que determinam automaticamente o valor das atividades para as crianças e jovens. É antes de tudo, a natureza das experiências vividas nessas atividades. São as interações com os pais, os treinadores, os companheiros, as assistência, que irão determinar o valor qualitativo da prática esportiva e se esta representa ou não um verdadeiro fator de formação e desenvolvimento das crianças e jovens”.(p.34)

Sendo assim, surge necessidade dos profissionais do esporte, psicologia, sociologia, estudar a competição sob vários aspectos, para que se possa entender a relação e o processo, esporte, competição e a criança.

Em primeiro lugar é preciso saber como a criança compreende a competição e seus componentes, se ela está preparada para enfrentar os desafios que essa competição pode proporcionar nos aspectos físicos, técnicos, táticos e psicológicos.

Talvez dessa maneira ela possa superar as frustrações que a prática esportiva possa propiciar.

Para que isso ocorra, o professor/técnico deverá ter conhecimento científico sobre o aspecto “competição” e “criança”, para que não ocorram erros por falta de informação. Podemos citar como exemplo, exigir das crianças, o que ela ainda não tem condições nos aspectos técnicos, táticos e psicológicos de realizar (MONTANARI, 1997).

Malina (1986) citado por De Rose Junior (2002a), afirma que a criança deve competir quando atingir seu estado de prontidão competitiva, que acontece a partir do equilíbrio de fatores como o crescimento, o desenvolvimento e a maturação sexual. Definir uma idade, segundo esses autores, torna-se difícil devido às diferenças individuais. Mas como referencial eles acreditam que isto deva ocorrer a partir dos 12 anos de forma genérica. Caso isso não ocorra, a criança não está preparada para a competição. Conceitos como prontidão, desenvolvimento, crescimento, maturação, período ótimo de aprendizagem, podem definir os limites da prática esportiva e estabelecer os benefícios ou os aspectos prejudiciais do esporte na infância.

A **prontidão esportiva** é o equilíbrio entre o nível de crescimento, desenvolvimento, maturação e a demanda competitiva. Quando a demanda é maior que as características individuais, considera-se que o indivíduo não está preparado para a competição. Segundo Tani (2002), quando o estágio de desenvolvimento é incompatível com as demandas da modalidade esportiva, o envolvimento pode ser problemático não só no aspecto físico, mas também psicológico.

Malina (1986) citado por De Rose Junior (2002a), conceitua o **desenvolvimento** como um complexo processo de uma variedade de domínios

inter-relacionados, isto é, competência social, intelectual/cognitiva, motora, dentre outras. Para Bohme (1986), desenvolvimento é a soma de processos complexos pelos quais o organismo passa, onde estão incluídos o crescimento e a maturação, os quais levarão o indivíduo a desenvolver todo seu potencial biopsicosocial.

Crescimento refere-se às mudanças mensuráveis no tamanho do corpo, estatura, peso e gordura, que estão relacionadas com as fases cognitivas (BOHME, 1986)

Segundo Bohme (1986), **maturação** é o “relógio biológico” da criança, que marca o progresso em direção ao estado maduro. É vista, freqüentemente, como maturação esquelética, sexual e ritmo de estirão de crescimento. Para Bohme (1986) **a maturação** é um fenômeno qualitativo, traduzido por uma série de modificações na estatura, composição e morfologia corporal, que se sucedem na idade adulta.

O **período ótimo de aprendizagem** segundo Tani (2002), está baseado na noção de que certos períodos durante o desenvolvimento são mais adequados para influenciar o comportamento e promover a aprendizagem. Mesmo que a prontidão esteja presente, às vezes a criança não corresponde ao seu período ótimo de aprendizagem, o que pode prejudicar a realização ou o entendimento da demanda. O período ótimo não é único para todos os componentes da aprendizagem e pode diferenciar de acordo com as capacidades solicitadas como física, técnica, tática, cognitiva, psicológica e aspectos específicos da modalidade.

De acordo com Gallahue (1978) a criança deve ser exposta gradativamente a experiências que exijam grandes responsabilidades e deve ser encorajada a participar dessas atividades, desde que lhe seja proporcionada a oportunidade de estar em eventos apropriados às suas necessidades e interesses, promovendo o

desenvolvimento da autoconfiança e, conseqüentemente, aumentando seus níveis de motivação e baixando os níveis de ansiedade- estado competitiva.

Ferraz (2002), afirma que a criança que passa por experiências competitivas desagradáveis pode ter sua auto-estima abalada, levando a conseqüência que podem ir desde a fuga da atividade até o abandono total da mesma.

Segundo Ferraz (2002), a ameaça à auto-estima é um ponto crucial do processo competitivo infanto-juvenil e pode causar um nível de ansiedade indesejado que influencia negativamente no desempenho.

Dessa forma, as primeiras experiências com o esporte são elementos críticos para sua continuidade. Se a experiência é positiva, a criança irá continuar participando, por outro lado, se a experiência é negativa, o participante poderá desistir ou perder o interesse na atividade desportiva. Nesse sentido, podemos afirmar que a vida esportiva de um praticante parece estar relacionada a todo um processo de crescimento e desenvolvimento individual. A iniciação à prática de atividades físicas e aos esportes, é um processo de longo prazo, que não se pode desenvolver desconsiderando as fases de desenvolvimento do aprendiz (DE ROSE JUNIOR, 2002b).

Como podemos observar o esporte é um processo sociocultural, que está inserido em nossa sociedade como um fenômeno notável, mas que pode trazer múltiplas conseqüências para os seus praticantes.

Teremos que olhar a prática esportiva sem um pré-julgamento, considerando a competição sob o ponto de vista do adolescente que está imerso nessa experiência e não sob a perspectiva do adulto.

2.3 ESPORTE, COMPETIÇÃO E ESCOLA

Observa-se, no trajeto histórico da educação física escolar que suas concepções foram afetadas por influências de diferentes áreas: médica, militar, biopsicossocial, e esportiva.

No início, nas aulas de educação física escolar eram utilizados métodos ginásticos com o objetivo de alcançar corpos enrijecidos, postura correta e uma boa aparência física. Na década de 30, surgiu a tendência militar que privilegiava a eugenia da raça. Ao final da década de 40, a educação física escolar passou ter um caráter educacional e pedagógico com o surgimento da tendência biopsicossocial inspirada no discurso liberal da Escola-Nova. (GUEDES, 2004)

A partir de 1970, o esporte passou a ser extremamente valorizado na escola e isso se deve a alguns fatores: sucesso de atletas Brasileiros em competições internacionais (Guedes, 2004) e a mídia televisiva, falada e escrita (Beti, 2003). Esses dois fatores foram os responsáveis por valorizar a competição e a busca da vitória no contexto escolar.

Apesar dessa valorização, o modelo esportivista passou a ser criticado por diferentes pesquisadores por se sobressair em relação ao esporte educativo (Betti, 2006; Freire, 2006; Moreira & Carbinato, 2006; Machado, 2006; Gonçalves, 1994). Em outras palavras, o esporte competitivo perdeu suas características lúdicas ao focalizar a competição, rendimento e a elitização de pequenos grupos, isto é, os mais habilidosos e aptos para a prática desportiva.

É interessante que, muitas vezes, isto acontece porque é a realidade social dentro das escolas, há uma valorização extrema dos professores/técnicos que eleva

o nome das escolas pelos feitos realizados nos campeonatos juntamente com os seus alunos, e, pouca ou nenhuma valorização ao profissional que utiliza sua ação pedagógica direcionada a formação integral de todos os alunos.

Em uma pesquisa realizada por Oliveira (2006) foi possível observar o seguinte relato de um professor questionado sobre sua visão do esporte da escola, que confirma essa valorização dos resultados no contexto escolar:

“Utilizava o esporte como um meio de desenvolver o meu trabalho junto aos alunos, permitindo a participação de todos e refletindo sobre o contexto esportivo dentro das escolas. Só que esse tipo de trabalho não ganhou o campeonato entre as escolas, e a cobrança da direção, pais e até dos próprios alunos surgiu. Repensei a minha ação pedagógica, montei turmas de treinamentos e passei a trabalhar o esporte direcionado rendimento com um pequeno grupo selecionado entre os alunos para participar das competições escolares. Viramos heróis logo na primeira medalha, professores, direção e pais de aluno, parabenizando e homenageando a nossa equipe”.(p. 7)

Assim, a forma como o esporte e a competição são apresentados e desenvolvidos nas escolas, torna-se um problema quando o único objetivo é a vitória, pois é pouco provável que aquelas equipes que nunca conseguem vencer um jogo, sintam prazer em participar de campeonatos. O desporto praticado na escola segue as mesmas regras do desporto oficial, e repete a estrutura e a organização dos grandes eventos desportivos, no que diz respeito à premiação e aos critérios de participação restrita aos melhores desempenhos (FERREIRA, 2000).

No entanto, isso não quer dizer que o esporte deva ser banido da escola. A esse respeito Gonçalves (1994) afirma que “culturalmente o esporte é uma aquisição que pertence ao patrimônio da humanidade e, como tal deve ser transmitido ao aluno como conteúdo das aulas de Educação Física”, (p. 162). Machado (2006), complementa essa afirmação com os seguintes dizeres:

“Omitir o esporte e a competição numa sociedade que as mantém em sua natureza é criar um quadro artificial que levará aquisição forçada de situações abstratas, servindo mesmo para provocar e ou acentuar os desajustamentos, marginalização e conflitos diante da realidade social”.(p. 23)

Assim, para que o esporte traga um real benefício para os seus praticantes dentro da escola é consenso entre os pesquisadores que é preciso que o esporte seja direcionado para o desenvolvimento de valores educativos, socializantes e culturais, oportunizando aos alunos experiências corporais agradáveis. (Gonçalves, 1994, p. 163); seja utilizado como agente socializador, ensinando o aluno a conviver com as derrotas e vitórias, a utilizar suas capacidades, a desenvolver independência e confiança em si mesmo, a desenvolver o sentido de responsabilidade, a aprender a conviver com a competitividade existente em nossa sociedade. (MATTOS & NEIRA, 2000, p. 79)

Sob essa ótica, Bracht (1986) afirma que o esporte deve oferecer oportunidade de aprendizagem de diversos papéis sociais; funcionar como um mecanismo de mobilidade social e, a competição deve refletir valores importantes da sociedade.

Ainda diante desse contexto, Paes (2002) destaca três pontos importantes aos quais os professores de educação física devem ficar atentos: a educação é uma área de intervenção e o professor deverá sempre promover intervenções positivas; o professor deve sempre incentivar e motivar todos os alunos a praticar esportes e, cabe ao professor de educação física promover e administrar sua ação pedagógica, garantindo a aprendizagem do esporte da escola.

Kunz (2000), defende também que para que um profissional da Educação Física possa desenvolver o esporte na concepção do esporte **da** escola e não a do esporte **na** escola, ele terá que passar por um processo de transformação:

“apesar das muitas mudanças pretendidas na educação física [.....], essas mudanças somente resultam numa efetiva formação crítica e emancipada do aluno, se, no caso dos ensinamentos dos esportes, este passar por uma transformação didática pedagógica” (p.83).

Baseando-se em todos esses aspectos acima citados o INDESP (Instituto Nacional do Desenvolvimento do Desporto) em 1996 elaborou os princípios do esporte educacional. A seguir serão transcritos na íntegra os princípios tal como publicado no endereço eletrônico (www.unb.br/fef/downloads/principios_doesporteeducacional.doc).

TOTALIDADE - Fortalecimento da unidade do homem (consigo, com o outro e com o mundo), considerando a emoção, a sensação, o pensamento e a intuição como elementos indissociáveis desta mesma unidade, favorecendo o desenvolvimento do processo de auto-conhecimento, auto-estima e auto-superação, visando a preservação de sua individualidade em relação às diversas outras individualidades, tendo em vista o contexto uno e diverso no qual está inserido (ESPORTE EDUCACIONAL, 1996).

CO-EDUCAÇÃO - Concepção da Educação que, como um processo unitário de integração e modificação recíproca, considerando a heterogeneidade (sexo, idade, nível sócio-econômico, condição física, etc.) dos atores sociais envolvidos e, fundamentando-se nas experiências vividas de cada um dos participantes e estruturando a atuação pedagógica apoiada na ação e reflexão, que tem na relação mestre-aprendiz, o encontro entre dois educadores, alicerçados no seu saber (ESPORTE EDUCACIONAL, 1996).

EMANCIPAÇÃO - Busca da independência, autonomia e liberdade do homem, fundamentando-se nos princípios da educação transpessoal, pelo qual o aprendiz “é encorajado a despertar, a se tornar autônomo, a indagar, a explorar todos os cantos

e frestas da experiência consciente, a procurar o significado, a testar os limites exteriores, a verificar as fronteiras e as profundidades do próprio eu” oportunizando assim, o desenvolvimento por intermédio da criatividade e da autenticidade, da capacidade de discernir criticamente e elaborar genuinamente as suas próprias razões de existir (ESPORTE EDUCACIONAL, 1996).

PARTICIPAÇÃO - Valorização do processo de interferência do homem na realidade na qual está inserido, fundamentado nos princípios de **co-gestão, co-responsabilidade e integração** e favorecendo seu comprometimento, como ator-construtor dessa mesma realidade, propicia o gerenciamento das questões de seu interesse, tendo em vista o processo de organização social decorrente do exercício de seus direitos e responsabilidades (ESPORTE EDUCACIONAL, 1996).

COOPERAÇÃO - União de esforços no exercício constante da busca do desenvolvimento de ações conjuntas para a realização de objetivos comuns, fundamentada no potencial cooperativo e no sentimento comunitário de cada um dos participantes do processo, estreitando, assim, os laços de solidariedade, parceria e confiança mútua, de forma a fortalecer as habilidades em perseverar, em compartilhar sucessos e insucessos, em compreender e aceitar o outro, como elementos constitutivos do processo de co-evolução do homem (ESPORTE EDUCACIONAL, 1996).

REGIONALISMO - Respeito, proteção e valorização das raízes e heranças culturais, como sinergias constitutivas do todo, considerando a singularidade inerente aos diversos mundos culturais, surgidos da relação intrínseca entre seus elementos, de forma a resgatar e preservar a sua identidade cultural, no processo de construção do coletivo (ESPORTE EDUCACIONAL, 1996).

O Programa esporte educacional foi dirigido aos alunos matriculados na rede oficial de ensino, tendo como objetivo garantir a prática do esporte, prioritariamente por crianças e adolescentes, como instrumento no processo de desenvolvimento integral e formação da cidadania. O Programa busca ampliar o conceito de esporte moderno, pois, além da performance, considera outros aspectos essenciais, tais como o jogo e suas funções éticas, sociais e pedagógicas.

Gostaríamos de finalizar esse capítulo sobre Esporte, Competição e Escola com a afirmação de Machado (2006) de que, “ignorar o esporte e a competição no contexto escolar é limitar o processo de formação esportiva da criança, o que se constitui em um erro pedagógico grave”. Longe de nós tomarmos partido na discussão se o esporte é ou não saudável para o aluno, uma vez que, ele permeia a prática da educação física escolar. Assim, debater esses temas por si só, não é o suficiente, o que precisamos é discutir a competição esportiva escolar realizada de forma incorreta e condenável.

CAPITULO III

MÉTODO

3.1 Sujeitos

A amostra foi constituída por 04 professores/técnicos, (P1, P2, P3, P4) de equipes participantes da Olimpíada Colegial do Estado de São Paulo categoria Infantil de forma aleatória.

3.1.1 Caracterização dos Professores/tecnicos

A Tabela 1 ilustra as características individuais dos professores/técnicos. Visando preservar o anonimato dos participantes utilizamos pseudônimos na respectiva identificação (P1, P2, P3, P4)

Tabela 1. Caracterização individual dos professores/técnicos

Docentes N = 4	Idade	Anos de experiência Profissional	Anos de Experiência Basquetebol/competição
<i>P I</i>	35	02	02 meses
<i>P II</i>	61	30	25 anos
<i>P III</i>	24	03	03 anos
<i>P IV</i>	38	12	08 anos

Na Tabelas (1), verifica-se marcante contraste no que diz respeito à idade e experiência profissional. A idade dos professores/técnicos variou de 24 a 61 anos, os anos de experiência profissional de 02 a 30 anos e o tempo de exercício docente com experiência na modalidade de basquetebol e competições variou entre 2 meses a 25 anos entre os professores/técnicos.

No quadro (3), temos a caracterização dos professores quanto à formação e experiência em nível de ensino, participação em eventos, competições esportivas e turmas de atividades curriculares desportivas.

Quadro 03. Caracterização dos professores quanto à formação e experiência.

Professores	Formação Profissional	Disciplina de Psicologia do Esporte na Grade Curricular da Graduação		Cursos de Atualização (últimos 5 anos)	Experiência nível de Ensino	Escola de Turmas ACDs trabalhadas pelos professores				Participação com equipes em eventos esportivos fora da Escola	
		Sim	Não			B	H	F	V	Sim	Não
P I	Graduação		X	01	Fundamental Médio	1	-	2	1		X
P II	Graduação Especialização		X	08	Fundamental Médio Superior	3	-	-	-	X	
P III	Graduação		X	02	Fundamental Médio	2	-	1	-		X
P IV	Graduação		X	04	Fundamental Médio	2	-	-	-	X	

B- Basquete, H- Handebol, F- Futsal, V- Voleibol

Todos os professores possuem formação de nível superior. Nenhum dos professores teve acesso à disciplina Psicologia do Esporte e atividade Física na graduação. Foi evidente a diferença na frequência em cursos de capacitação ou atualização entre os professores/técnicos, tendo variado de um a oito nos últimos cinco anos. A grande maioria dos eventos de formação foi patrocinada pelo sistema

de ensino da Secretaria da Educação no quais os professores se encontram trabalhando.

Na totalidade, os professores/técnicos já haviam lecionado em mais de um segmento ou nível do ensino fundamental ou médio. Entre estes, um já havia tido experiência de lecionar no ensino superior, ministrando a disciplina de basquetebol. Apenas dois informaram algum tipo de participação em eventos desportivos fora da escola. Para um dos professores a única experiência com a modalidade basquetebol, resultava de estágios assumidos por exigências curriculares da graduação, realizados exclusivamente ensino fundamental.

3.1.2 Caracterização do Professor/técnico da equipe I

Embora houvesse concluído a licenciatura há 12 anos, P1 declarou possuir apenas 2 anos de experiência tanto no ensino fundamental (ciclo I, ciclo II), quanto no ensino médio, e apenas há dois meses trabalhava com a Atividade Curricular Desportiva (ACD) na modalidade de basquetebol. Treinava mais 3 equipes de ACDs categoria mirim, na modalidade de futsal (2) e voleibol (1). Na época da sua graduação não existia a disciplina de Psicologia da Atividade Física e Esporte na faculdade onde se formou. Em sua formatura P1 trabalhava em uma empresa de fotografia, onde ficou por mais de 9 anos, e foi dispensado. A partir desse momento P1 passou a ministrar aulas como professor temporário, substituindo outros professores. No início de 2006, em uma das atribuições de aulas P1 pegou algumas aulas no ensino fundamental (5º a 8º) e 4 ACDs, Basquetebol (1), Futsal (2) e

Voleibol (1), aulas provenientes de uma licença de outro professor. P2 participou apenas de um dos eventos de formação oferecidos pela Secretaria da Educação nos últimos 5 anos. Declarou que antes de assumir as aulas de ACD Basquetebol a única experiência que teve com esse esporte, foram os estágios obrigatórios que realizou em sua graduação, respectivamente nas Disciplinas de Prática de Ensino e Basquetebol.

3.1.3 Caracterização do Professor/técnico da equipe II

Embora houvesse concluído a licenciatura há 37 anos, P2 declarou possuir 30 anos de experiência tanto no ensino fundamental (ciclo I, ciclo II), quanto no ensino médio. Tinha cerca de 25 anos como experiência na modalidade de basquetebol em competições escolares. O professor possuía, também, seis anos de experiência no ensino superior, lecionando no curso de licenciatura em educação física em uma instituição particular. P2 foi certificado como especialista em treinamento desportivo, fruto de sua participação em curso de pós-graduação *lato sensu* realizado em uma instituição particular. Nos últimos cinco anos participou de todos os eventos de formação oferecidos pelas redes de ensino.

3.1.4 Caracterizações do Professor/técnico da equipe III

P3 havia concluído sua graduação há 03 anos, mesmo assim não teve a disciplina Psicologia da Atividade Física e do Esporte em sua graduação. A experiência profissional mais extensa foi construída no ciclo II do ensino fundamental, no qual atuava desde sua certificação de licenciado.

Apenas nos dois últimos anos P3 vinha participando dos encontros pedagógicos voltados para a atualização e capacitação docente oferecido pela Secretaria da Educação. Sua experiência na modalidade de basquetebol e competições escolares se restringia a uma única participação da Olimpíada Colegial no ano anterior ao da pesquisa. Nunca participou de eventos ou competições fora da U.E., onde atua.

3.1.5 Caracterizações do Professor/técnico da equipe IV

P4 era licenciado há 12 anos, e em sua graduação não teve acesso a Disciplina de Psicologia da Atividade Física e Esporte. Sua experiência no ensino da educação física escolar já durava 12 anos e restringia-se ao segundo ciclo do ensino fundamental (5º a 8º) e ensino médio. Participava das Olimpíadas Colegiais há mais de 8 anos, ventos esses organizados pela Secretaria da Educação e Secretaria da Juventude Esporte e Lazer. Dos quatro cursos de capacitação e atualização que obteve na área pedagógica, apenas um era relacionado à modalidade trabalhada. Os cursos na sua totalidade foram promovidos pela rede de ensino ao qual estava vinculado profissionalmente. P4 atuava como técnico desportivo na modalidade de Basquetebol no município onde residia, e por essa razão participava constantemente de eventos esportivos fora da Unidade Escolar (U.E.) onde atuava como docente.

3.2 Caracterização dos Atletas

Também fizeram parte da amostra 48 atletas, sendo 24 atletas do sexo masculino e 24 atletas do sexo feminino, todos participantes de 4 equipes de basquetebol categoria infantil, com faixa etária entre 15 e 17 anos

3.2.1 Caracterização dos atletas da equipe I

A equipe I que participou do estudo era do sexo masculino e contava com 12 alunos das turmas de Atividade Curricular Desportiva (ACD) de Basquetebol, A idades entre 15 e 17 anos. Alguns provinham de uma região rural e carente, e a grande maioria era do próprio município de [.....]. Município esse que pertencia a Diretoria de Ensino de Tupã, constituída por cerca de 12 mil habitantes.

A quadra poliesportiva onde eram realizados os treinamentos dispunha dos equipamentos necessários para o desenvolvimento da modalidade desportiva de basquetebol. Entretanto, os materiais disponíveis eram extremamente precários resumindo-se a seis bolas de basquetebol.

3.2.3 Caracterizações dos atletas da equipe II

A equipe II que participou do estudo era do sexo masculino e contava com 12 alunos das turmas de Atividade Curricular Desportiva (ACD) de Basquetebol. Com idade entre 15 e 17 anos, todos pertenciam ao município de Tupã. Essa U.E. localizava-se em um bairro do município de Tupã. Os alunos que nela estudavam eram parte de uma comunidade carente, a grande maioria dos atletas trabalhava e estudava.

Os treinos eram realizados em na quadra poliesportiva da escola. Essa quadra era coberta e dispunha dos equipamentos necessários para o desenvolvimento da modalidade desportiva de basquetebol. Entretanto, os materiais disponíveis para treinamento se resumiam a cinco bolas de basquetebol.

3.2.4 - Caracterizações dos atletas da equipe III

A equipe III que participou desse estudo era do sexo feminino e contava com 12 alunas das turmas de Atividade Curricular Desportiva (ACD) de Basquetebol. Com idades entre 15 e 17 anos. A U.E., na qual as atletas estudavam localizava-se na região central do município de Tupã. Apesar da boa localização, essa U.E. recebia alunos em sua maioria da classe média baixa de alguns bairros localizados na periferia desse município.

No âmbito da educação física, a escola dispunha de dois ginásios cobertos e uma quadra externa descoberta, oferecendo excelentes condições de trabalho aos profissionais que ali atuavam. O material que existia era apropriado em quantidade e qualidade, para bem desenvolver as atividades da modalidade.

3.2.5 Caracterização dos atletas da equipe IV

A equipe IV que participou desse estudo era do sexo feminino e contava com 12 alunas das turmas de Atividade Curricular Desportiva (ACD) de Basquetebol. Com idade entre 15 e 17 anos. A U.E., na qual as atletas estudavam localizava-se na região periférica do município de Tupã, e as alunas provinham de famílias de baixa renda. A quadra desportiva onde se realizavam as aulas não possuía cobertura, localizava-se em uma área restrita e cercada por muros.

Apesar das condições serem suficientes para o desenvolvimento dos treinamentos, o piso era um tanto áspero e desnivelado. Entre os materiais disponíveis as bolas, estavam em número muito aquém do necessário para um bom trabalho.

3.3 Caracterização do Sistema de disputa

Na categoria Infantil da Olimpíada Colegial temos jovens entre 15, 16 e 17 anos se confrontando, e as características biopsicosociais nessa faixa etária podem

ser muito diferentes. Os atletas podem estar aptos ou não a executar em determinadas tarefas como à exigência do treinamento e as demanda exigidas pela competição. A Olimpíada Colegial tem características e sistemas de disputa que não diferem da competição dos adultos, embora tenha como foco as crianças e os adolescentes.

Essa competição é destinada às representações das Unidades Escolares da Rede Estadual de Ensino Fundamental e Médio. Tendo como objetivos, promover pela prática desportiva, a integração e o intercâmbio dos participantes das Unidades Escolares, ampliar as oportunidades de socialização e aquisição de hábitos saudáveis, favorecendo o surgimento de novos talentos representativos do esporte, (Portaria Conjunta G/CEL/ CENP/ COGSP/CEI/ , 2006).

Na Olimpíada Colegial são disputadas as seguintes modalidades: Atletismo, Basquetebol, Damas, Futsal, Handebol, Tênis de Mesa, Voleibol e Xadrez para ambos os sexos.

As categorias que fazem parte dessa competição são: 1 - Pré-Mirim até 12 anos (nascidos até 1994). 2 - Mirim até 14 anos (nascidos até 1992). 3 - *Infantil até 17 anos (nascidos 1991, 1990 e 1989)*. 4 - *Juvenil até 18 anos (nascidos até 1988)*.

Seu sistema de disputada tem as seguintes fases:

a.1) Fase Diretoria de Ensino - Jogam entre si as Unidades Escolares inscritas na Diretoria de Ensino a que pertencem, de acordo com o sistema de disputa determinado, classificando-se os campeões de cada modalidade, categoria e sexo para a fase seguinte.

a.2) Fase Sub-Regional - Jogam entre si os campeões da Fase Diretoria de Ensino de acordo com o sistema de disputa determinado, classificando-se os

campeões de cada modalidade, categoria e sexo para a fase seguinte. Inicia-se nesta fase a competição de atletismo.

a.3) Fase Regional - Jogam entre si os campeões da fase anterior e as equipes do Município sede (quando sediada), de acordo com o sistema de disputa determinado, classificando-se os campeões de cada modalidade, categoria e sexo para a Fase subsequente.

a.4) Final Estadual. É disputada pelos campeões da Capital, do Interior e do Município sede.

a.5) Para representar o Estado de São Paulo nos Jogos Escolares Brasileiros os campeões das Categorias Infantil da Rede Estadual competem com os campeões das Redes Municipal e Privada.

Todas as modalidades esportivas disputadas na Olimpíada são regidas pelas Regras vigentes da Confederação Brasileira do esporte, observadas as exceções previstas no Regulamento técnico da Olimpíada Colegial.

3.4 Instrumentos e Procedimentos

Foram realizados dois tipos de entrevista em diferentes momentos e com distintos objetivos. No primeiro momento com a intenção de conhecer o perfil do professor/técnico nos aspectos pessoais e em relação ao domínio do conteúdo

(basquetebol) e experiências em competições, foi aplicado um questionário estruturado com respostas fechadas (anexo I).

A aplicação do questionário foi realizada após a competição da fase de D.E. Diretoria de Ensino da região de Tupã. Os professores foram informados que a entrevista visava conhecer alguns aspectos pessoais e profissionais. Assim, antes de cada aula o entrevistador e o entrevistado deslocavam-se para um local reservado da quadra ou ginásio, onde foi aplicado o questionário.

No segundo momento a entrevista foi direcionada aos atletas, utilizamos uma questão aberta, para conhecer a percepção que atletas têm dos professores/técnicos.

A questão segue descrita abaixo:

Questão: *Como é o seu técnico, nos treinos e na competição?*

As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra e literal o que implica em fidelidade absoluta ao que foi dito.

Todas as entrevistas aplicadas levaram em média de 20 a 30 minutos, sendo que o horário e o local foram previamente definidos pelos professores/técnicos, atendendo à disponibilidade dos atletas, para que a narração não fosse distorcida pela necessidade de atender a outros compromissos e, dessa maneira, reter alguma informação importante, com o propósito de abreviar o encontro.

3.5 Análise dos dados

Para analisar os questionários estruturados com respostas fechadas de caracterização dos professores/técnicos, utilizamos o método de estatística descritiva.

Para a análise da pergunta geradora aplicada nos atletas foi feita análise de ordem qualitativa assegurando uma interpretação coerente da percepção que os atletas têm do comportamento de liderança dos seus professores/técnicos. O material coletado foi submetido à técnica de Análise de Conteúdo Categorical, proposta por Bardin (2004). Essa é uma técnica utilizada quando o objetivo do trabalho é conhecer aquilo que está por trás das palavras ou depoimentos, ou seja, a busca de outras realidades através das mensagens.

As unidades de registro foram analisadas e agrupadas de acordo com o tema ou núcleo de significação das palavras que expressassem uma idéia de sentido equivalente, constituindo assim a categorização das unidades de pensamento (BARDIN, 2004).

Após esse processo de categorização das entrevistas surgiram duas categorias, que se sub-dividiram em categoria A, (aspectos Pessoais e Profissionais) e categoria B, (aspectos de Instrução e Feedback).

Após a realização da interpretação dessas categorias, o passo seguinte foi de amparar-se nos autores estudados que embasam os conceitos apresentados, unindo a interpretação das categorias com os conceitos dos autores, e dessa forma construir um novo conhecimento em relação aos dados encontrados (SANTOS, 2004).

CAPITULO IV

4 Resultado e Discussão

Para verificar o estilo de liderança dos professores/técnicos iremos analisar as entrevistas dos atletas de basquetebol, verificando a percepção que esses tiveram dos professores/técnicos em relação aos aspectos: Pessoais; Profissionais; Instrução e Feedback. Esses aspectos surgiram quando as unidades de registro foram agrupadas com temas ou núcleo de significação de palavras que expressassem uma idéia de sentido equivalente, constituindo-se em duas categorias. Essas categorias se sub-dividiram nos 4 aspectos citados acima.

4.1 O estilo de liderança do professor/técnico da equipe I, sob a percepção dos atletas de basquetebol.

4.1.1 Aspecto Pessoal - Equipe I

Existe uma forte e significativa relação entre as percepções que os atletas têm dos comportamentos dos professores/técnicos e as atitudes manifestadas como (respeito, admiração, raiva...) em relação aos técnicos (BUCETA, 2004)

Essa percepção é individual, os atletas podem perceber um mesmo comportamento do professor /técnico, sob aspectos diferentes. E um aspecto pode acabar influenciando o outro, ou seja, o professor/técnico que não consegue desenvolver o seu trabalho profissional dentro das expectativas dos atletas, poderá não ter uma boa avaliação no aspecto pessoal (BUCETA, 2004).

Dentro do contexto dessa equipe, os atletas perceberam o aspecto pessoal do professor/técnico vinculado ao aspecto profissional, isso ficou claro em algumas declarações dos atletas:

....ele é legal, deixa fazer o que quiser , e não cobra nada no jogo,bom ele é legal mas não entende muito de basquete,.....legal, mas ele deveria falar mais e não deixar o (...) mandar no jogo.

Quando o professor/técnico não se posiciona diante dos alunos em determinadas situações, pode ser interpretado pelos atletas como uma incapacidade profissional ou não, mas o que realmente irá influenciar é a percepção que o atleta tem desse comportamento.

A comunicação é um dos aspectos relevantes para uma boa atuação de liderança. O professor/técnico tem que ter uma boa habilidade de comunicação, por ser um instrumento de suma importância em ambientes esportivos e da atividade física (SIMÕES, 1994).

A expressão “**ele não fala nada**”, foi unânime entre os atletas dessa equipe. Esse processo de intervenção e comunicação é muito importante para o atleta na competição e principalmente na modalidade de basquetebol.

Ficou claro nas declarações que os atletas em determinados momentos buscavam respaldo no professor/técnico para interpretar ou esclarecer dúvidas.

....eu perguntei para o professor por que fui expulso e ele mandou eu perguntar para o juiz,no jogo ele não fala nada, nem quando perguntamos alguma coisa,.....os outros professores pedem tempo e falam com os atletas e ele não fala nada.

Essa não comunicação efetiva do professor/técnico pode ser desestimuladora para os atletas.

4.1.2 Aspecto Profissional - Equipe I

Profissionalmente esse professor/técnico não foi avaliado de forma positiva pelos seus atletas, a grande maioria percebeu a falta de conhecimento na modalidade de basquetebol, declarando que:

.....acho que ele não entende muito de basquetebol,.....somos nós que pedimos tempo,.....acho que ele não conhece muito de basquetebol,....no treino ele não da nada,.....somos nós quem montamos o time.

Essa falta de conhecimento técnico da modalidade reflete de forma negativa na equipe, principalmente no momento da competição. A falta de liderança pode deixar os atletas inseguros, por não encontrar o respaldo técnico, tático e psicológico necessário no professor/técnico (FERREIRA, 2000).

Essa lacuna deixada pelo professor/técnico pode ser preenchida por um líder que surge dentro da equipe, por exemplo, o atleta mais experiente, ou tecnicamente mais evoluído. Em duas declarações dessa equipe encontramos citações a uma liderança secundária que comandava a equipe:

.....quem manda no time é o [.....] que faz até as escalas, ele nunca sai do jogo, ele que manda em tudo,ele deveria não deixar o [.....] mandar no jogo. Só porque eu briguei com ele, ele mandou o professor me tirar do jogo.

Esse é um tipo de liderança que foi percebido de forma negativa por esses dois atletas.

Martens (2002), acredita que os atletas jovens, por característica própria da idade, têm alguns direitos diferenciados dos adultos desportistas dentro da competição, e dentre esses direitos estão os de ter líderes adultos e qualificados.

4.1.3 Aspecto de instrução - Equipe I

O professor/ técnico tem de saber utilizar os seus conhecimentos da modalidade (basquetebol) nos treinamentos e competições. A instrução do que fazer e como fazer é essencial para um bom desenvolvimento técnico e tático da equipe (WEINBERG & GOULD, 2001).

Para que o treinamento direcionado e a instrução sejam eficientes, o professor/técnico terá que ter um bom domínio dos aspectos técnicos, táticos e psicológicos da modalidade, caso contrário haverá certa dificuldade do professor/técnico para utilizar esse meio nos treinamentos e competições (BUCETA, 2004).

O único relato que encontramos sobre a utilização de instrução por parte do professor/técnico nessa equipe, relatava que:

.....nos treinos, ele manda arremessar umas bolas e depois manda jogar.

Esse fato demonstra que a falta de conhecimento específico sobre a modalidade pode realmente influenciar no método que o professor/técnico utiliza para passar instruções. No caso específico dessa equipe, quase nenhuma instrução foi percebida pelos atletas, com exceção da relatada acima.

4.1.4 Aspecto de feedback - Equipe I

O feedback tem uma relação direta com o meio de instrução que o professor/técnico utiliza. Quando não ocorre a utilização de instrução na metodologia que os professores/técnicos adotam, dificilmente nós teremos uma percepção em relação ao feedback, seja ele positivo ou negativo (BUCETA, 2004).

Em nossa análise dos relatos dessa equipe, não encontramos nenhuma citação ao aspecto de feedback positivo ou negativo realizado pelo professor/técnico.

4.2 O estilo de liderança do professor/técnico da equipe II, sob a percepção dos atletas de basquetebol.

4.2.1 Aspecto Pessoal - Equipe II

A percepção que as atletas tiveram do professor/técnico foi de que ele dentro do ambiente de treinamento, quando o assunto é, disciplina e regras de condutas, ele é intransigente. Alguns tópicos relatados a seguir mostram esses aspectos:

....ele é muito bravo, nós não podemos chegar atrasadas nos treinos e nem faltar, que lá vem bronca,.....no treino, se nós conversamos um pouquinho, ele já

fala, se veio para conversar ficasse em casa,....nos jogos temos que chegar meia hora antes do horário do jogo, uniformizadas, e ele verifica até o comprimento das unhas.

Esse tipo de comportamento incomoda algumas atletas da equipe mas, ao mesmo tempo, faz com que elas respeitem e admirem a postura e a maneira como conduz seu trabalho, Complementado o que foi citado acima, por umas das atletas:

..... ele está certo, se não vira bagunça.

Percebemos que esse professor/técnico, dentro do contexto treino e competição, tem uma postura que caracteriza sua autoridade pessoal, sendo inflexível em alguns aspectos. As atletas que não conseguem se adaptar ao seu estilo de liderança não fazem parte do grupo por muito tempo.

Verificamos que esse tipo de conduta adotada por esse professor/técnico agrada aos pais. No ambiente dos treinos e competições ele cobra condutas compatíveis com suas crenças fora do contexto esportivo.

....minha mãe só deixou eu participar do campeonato por que era ele o professor,.....o único problema é que ele não deixa a gente fazer nada, pega no pé mesmo, implica até com os namorado quando eles aparecem nos treino.

Todas as atletas foram unânimes ao relatar que, mesmo com as intransigências do professor/técnico, elas gostavam muito dele.

4.2.2 Aspecto Profissional - Equipe II

O professor/técnico tem que ter domínio do treinamento em todos os aspectos físico, técnico, tático e psicológico, para poder dar direção ao grupo de atletas no qual está trabalhando (DE ROSE, 2002).

Analisando os relatos, percebemos que o professor/técnico dessa equipe domina os aspectos físicos, técnicos e táticos, tem experiência e conhecimento da modalidade na qual trabalha. Experiência essa que foi percebida pelas atletas como positiva, como podemos verificar nos relatos a seguir:

.....eu aprendi a jogar basquetebol com ele, ele entende muito de basquetebol, ensina jogadas, regras, sinais dos árbitros,.....quando começou a treinar a equipe, eu não sabia nada, ele me ensinou tudo,.....ele treina sério não gosta de brincadeiras, mas ensina tudo para nós.

Esse domínio de conteúdo do professor/técnico é preponderante para que os atletas tenham confiança, e acreditem no trabalho que está sendo realizado (MARTENS, 2002).

Um trabalho direcionado para independência nas tomadas de decisões e enfatizando a autoridade pessoal foram as características principais encontradas no relato da percepção que os atletas tiveram do professor técnico dessa equipe.

.....ele não é fácil não, ou a gente joga do jeito dele, ou ele manda ir embora,.....não podemos chegar atrasadas, e nem faltar nos treinos,.....ele é muito exigente, quer tudo certo.

Poderíamos caracterizar o estilo de conduta desse professor/técnico como Autocrático e Educativo. Autocrático porque limita o envolvimento dos atletas nas decisões, usa o comando e punições se necessário, e ao mesmo tempo Educativo por exigir dos atletas um treinamento duro, dando instruções nas técnicas e táticas

do esporte, planejando e estruturando as atividades com o objetivo de melhorar o rendimento dos atletas (MARTENS, 2002).

4.2.3 Aspecto de instrução - Equipe II

O trabalho desse professor técnico tem características educativas por trabalhar as instruções técnicas e táticas, tanto no treino quanto na competição. O trabalho tem como objetivo melhorar a execução dos atletas por meio de insistências e facilitação do treinamento.

Alem do mais esse tipo de trabalho direciona o atleta, facilitando o seu desenvolvimento esportivo. Existem algumas situações dentro da competição que os deixam confusos, e atrapalham suas ações dentro do jogo, um bom direcionamento do professor/técnico ajuda os atletas a visualizar um caminho a seguir. Descrevemos relatos nesse sentido:

.....quando alguém erra, ele tira do jogo conversa e depois coloca de novo,..... no jogo ele pede para fazermos exatamente o que treinamos.

Direcionar os atletas da sua equipe ao objetivo proposto é uma das principais funções do professor/técnico.

4.2.4 Aspecto de Feedback - Equipe II

Mesmo com uma postura marcante de conduta educativa dando instruções, não encontramos relatos de atletas que fizesse menção ao feedback positivo.

Quanto ao feedback negativo temos alguns relatos:

.....as meninas reclamam um pouco dele, ele dá muita bronca nelas no meio do jogo, elas ficam com vergonha,.....eu fico com vergonha quando erro, ele dá muita bronca,.....ele quer tudo certo, eu tento fazer mas, às vezes, não consigo, aí é bronca na certa.

Pelos relatos podemos verificar que o comportamento do professor/técnico quanto ao feedback negativo, ou seja punição após erros, traz um certo constrangimento para as atletas.

O professor/técnico que trabalha com jovens atletas tem que ter muito interesse e dedicação ao trabalho que se prontificou a realizar, motivando todos aqueles que estão sob seu comando (BUCETA, 2004).

4.3 O estilo de liderança do professor/técnico da equipe III sob a percepção dos atletas de basquetebol

4.3.1 Aspecto Pessoal - Equipe III

Verificamos que o professor/técnico dessa equipe, obteve uma avaliação sob a percepção dos atletas positiva, todos foram unânimes ao relatar que gostavam muito do professor/técnico e que ele era legal.

Mas, em certos aspectos, a sua conduta pessoal foi analisada como flexível nos treinos, deixando as atletas, à vontade para executar ou não certos exercícios, e

esse estilo democrático foi percebido por alguns atletas como negativo para o rendimento da equipe.

.....elas não obedecem muito ele, às vezes ele dá alguns exercícios que ninguém gosta, ai ninguém faz,.....se ele manda correr um pouco elas reclamam, só querem ficar brincando de 21 parado,..... ele dá muita moleza para as meninas.

Dentro de um processo de treinamento, os professores/técnicos não devem ter posturas intransigentes, mas também não podem ser flexíveis demais, sem exigir o mínimo de determinadas regras e condutas, que todas as equipes deveriam ter, respeitando as características do grupo e seus objetivos (MARTENS, 2002)

4.3.2 Aspecto Profissional - Equipe III

O trabalho desse professor/técnico está direcionado para formação básica das atletas. Em seus relatos essas atletas deixam claro que a equipe é muito inferior tecnicamente em relação às outras que participam do campeonato.

.....no jogo ele explica tudo que é para ser feito, mas às vezes não dá, tem equipes que são boas,..... nos treinos ele tenta ajudar as meninas mais fracas que não sabe direito jogar, mas é muito difícil,.....ele está tentando me ensinar jogar basquete, mas é difícil,.....o professor tentou treinar as meninas, mas só perdemos.

Podemos observar nos relatos, que essas atletas têm certo sentimento de frustração, mesmo com as tentativas do professor, e delas própria, elas não conseguiram.

4.3.3 Aspecto de instrução - Equipe III

Os relatos que encontramos sobre o a utilização de instrução por parte do professor/técnico nessa equipe, descrevia que:

*.....o professor **tenta** ajudar na hora do jogo,.....ele **tenta** treinar a gente,.....o professor está **tentando** treinar a equipe.*

Apesar do trabalho realizado pelo professor/técnico, os atletas tiveram a percepção de que apenas uma tentativa estava ocorrendo, e que não estavam conseguindo alcançar êxito nos treinamentos. A palavra **tentar, tentando**, significa que ainda não conseguiram alcançar os objetivos, mas ainda podem ser alcançados.

4.3.4 Aspectos de feedback - Equipe III

Encontramos o relato de apenas uma atleta quanto ao feedback positivo, nessa equipe:

.....ele tenta ajudar nossa equipe motivando, mas não tem jeito.

Mesmo com uma pequena tentativa de motivar a equipe, o professor/técnico não está alcançando êxito. Esse sentimento de desmotivação das atletas que podemos sentir nos relatos, pode ter surgido pela decepção de ter perdido todos os jogos, ou pelo sentimento de inferioridade técnica que elas estavam sentindo, ou por outros motivos. Segundo Buceta (2004), professores/técnicos devem sempre

estabelecer metas reais que possam ser alcançadas pela sua equipe, para que não fique esse sentimento de frustração, desmotivando os atletas.

4.4 O estilo de liderança do professor/técnico da equipe IV sob a percepção dos atletas de basquetebol

4.4.1 Aspecto Pessoal – Equipe IV

A confiança que o grupo deposita no professor/técnico depende dos aspectos pessoais como, integridade, honestidade, coerência e bom senso (WEINBERG & GOULD, 2001).

Nesse processo estão implícitos os valores no qual os professores/técnicos acreditam, e, é com base nesses valores que eles administram os seus comportamentos pessoais que são percebidos pelos atletas.

Quando os atletas relatam que o professor/ técnico é:

..... muito tranqüilo, sossegado, calmo, ouele acalma a gente

Essa é uma percepção individual dos atletas, mas o professor/técnico de alguma forma com suas atitudes e ações passou essa sensação de tranqüilidade, para todos desse grupo. Cerca de 70% dos atletas dessa equipe perceberam o comportamento do professor/técnico muito calmo, o que acabou refletindo no comportamento dos atletas.

Os atletas dessa equipe percebem o professor/técnico como uma pessoa:

.... gente boa ,muito legal,..... é 10,..... gente fina pacas

Todos atletas dessa equipe caracterizaram seu professor /técnico como uma pessoa legal.

Um outro aspecto que ficou claro, foi a relação afetiva em relação ao professor/técnico

.....eu gosto dele por que ele não xinga,.....ele deixa falar, dar opinião, eu gosto muito dele,.....eu gosto dele, ele me ajuda muito, eu não tinha tênis para jogar e ele conseguiu.

Quando o líder é orientado ele se torna mais carismático, por que todos os integrantes do grupo são valorizados igualmente por ele (CRATY,1984).

Quando essa visão pessoal do professor/técnico é positiva dentro do grupo, a sua comunicação é mais eficiente, podendo facilitar o desenvolvimento dos aspectos profissionais a serem trabalhados.

4.4.2 - Aspecto Profissional - Equipe IV

Um bom treinador deve ter capacidade de planejar, organizar, e controlar bem o treinamento, estabelecendo tarefas técnicas, táticas e as exigências psicossociais durante o treino e a competição (NOCE, 2002).

Não é raro encontrarmos professores querendo trabalhar com turmas de treinamento nas categorias de base, por imaginar que o grau de dificuldade é menor. Conceito errôneo porque é na base que se tem uma maior dificuldade na aplicabilidade do conteúdo de forma organizada. Os domínios dessas capacidades exigem do professor/técnico, um nível de conhecimento elevado, e certa experiência em competições infanto juvenil. (DE ROSE, 2002)

A visão que os atletas tiveram do professor/técnico quanto ao aspecto profissional foi positiva:

.....ele treina de tudo um pouco,ele treina para caramba, passa até do horário dele,..... aprendemos até jogada, ele ensina bandeja, arremesso, bater bola.

A maioria dos atletas aprovou o estilo de trabalho do seu professor/técnico. Segundo os relatos esse estilo fez com que a equipe evoluísse em todos os aspectos.

4.4.3 Aspecto de Instrução - Equipe IV

O professor/técnico direciona o seu trabalho para um bom desenvolvimento das habilidades técnicas e táticas, sempre passando instruções aos atletas objetivando um melhor rendimento.

A ênfase em um trabalho de treino-instrução ficou clara na maioria dos entrevistados dessa equipe:

.....ele passa um monte de dicas e fica o tempo todo corrigindo o que nós erramos.ele corrige tudo,nos treinos ele explica todas as jogadas até a gente entender, se erra, ele corrige, no jogo quando entramos, ele explica tudo o que é para ser feito.

Esse tipo de trabalho do professor/técnico é dirigido com o objetivo de melhorar a execução dos atletas. Os líderes que utilizam a conduta educativa como

forma de facilitar o treinamento, têm as mesmas características do trabalho de treino-Instrução realizado pelo professor/técnico dessa equipe.

4.4.4 Aspectos de Feedback - Equipe IV

O professor/técnico que utiliza uma conduta que inclui a aplicação de reforços a um atleta como reconhecimento e recompensa por uma boa atuação está realizando um feedback positivo. Já o professor/técnico que reage negativamente de maneira hostil ou punitiva após um erro está realizando um feedback negativo.

A ênfase em um trabalho de feedback positivo ficou claro na maioria dos entrevistados dessa equipe:

.....quando nós acertamos, ele fala é isso aí, vamos lá,.....quando eu, e meus amigos fazemos cesta ele aplaude, quando nós acertamos ele comemora.no jogo quando as coisas começam a dar errado, ele pede tempo, e fala o que é para ser feito.

Podemos verificar que o feedback positivo, de incentivo, foi realizado até nos momentos de erros dos atletas, e não somente quando ocorreram os acertos.

Dentro desse grupo encontramos apenas um relato de feedback negativo:

.....no jogo ele dá bronca quando a gente erra.

Os técnicos que utilizavam um elevado nível de reforço e encorajamento após erros ou acertos dos atletas são em geral avaliados de forma mais positiva (CRUZ & GOMES, 1996).

Quando o técnico utiliza o feedback negativo como meio de punição após os erros ou fracasso dos atletas, ele pode estar afetando de forma decisiva a auto-estima desses atletas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse trabalho foi o de responder aos meus questionamentos iniciais sobre “o estilo de liderança dos professores/técnicos e a percepção que os atletas de basquetebol da categoria infantil têm desse estilo de liderança”.

Quando se coloca a questão do comportamento de liderança do professor/técnico, temos que analisar todos os aspectos que acabam influenciando os atletas, dentro ou fora da competição. Dentre esses, os aspectos profissionais, pessoais, de instrução e feedback são importantes para uma boa relação entre o professor/técnico e atletas,

Ao realizarmos uma análise específica em cada categoria e seus respectivos aspectos de liderança, verificamos que, dentro da categoria (A) “aspecto pessoal”, é de grande relevância para uma boa relação entre o grupo. Constatamos que os professores que tinham menos experiência, na modalidade basquetebol e na competição tiveram suas ações pedagógicas percebidas como positivas apenas no aspecto pessoal, enquanto as categorias aspectos profissionais, aspectos instrucionais e feedback foram percebidos de forma negativa pelos atletas.

Em outros depoimentos, os atletas deixaram claro que, um dos aspectos pessoais que os deixavam desestimulados era o descontrole dos

professores/técnicos, quando esses reagem negativamente após um erro, e verbalizam isso através de palavras indevidas ou insultos. Mesmo que esse tipo de reação não seja direcionado ao próprio atleta, só o fato de ocorrer com os outros, acaba desestabilizando a equipe.

Ainda no aspecto pessoal obtivemos vários relatos no quais os atletas perceberam que a rigidez nas normas e horários de treinos e a característica pessoal do professor/técnico, que enfatizava a autoridade em suas atividades, não interferiram no relacionamento da equipe.

Um outro aspecto analisado dentro da categoria (A) foi o aspecto “profissional”. Este foi percebido pelos atletas de maneira positiva nos profissionais mais experientes na modalidade de basquetebol e na competição. Verificamos que os atletas das equipes menos experientes têm certa afinidade pelo sistema de treinamento flexível utilizado pelo professor/técnico, no qual a tática utilizada é deixar os alunos à vontade nos treinos e não cobrar nada na competição. Essa forma de trabalho foi percebida por alguns atletas como positiva, talvez pelo simples fato de não haver cobranças e nem pressão nos treinos e competição.

O aspecto “profissional” só foi percebido pelos atletas de forma negativa quando os professores/técnicos por ignorância ou falta de competência não ensinaram certas técnicas e táticas nos treinos, e no momento da competição cobraram situações técnicas e táticas que não foram vivenciadas nos treinos.

O aspecto de “instrução” da categoria (B), foi percebido e citado pela maioria dos atletas da equipe II e IV. Essas duas equipes eram lideradas pelos professores/técnicos caracterizados como mais experientes na modalidade de basquetebol e na competição. Enquanto que nas equipes I e III não encontramos nenhuma citação a resposta do aspecto instrução. Para que os professores/técnicos

consigam direcionar os treinamentos dando ênfase na instrução, este deverá ter um bom domínio dos aspectos técnicos, táticos e psicológicos da modalidade, caso contrário terá certa dificuldade em utilizar esses meios nos treinamentos e competições.

O “feedback” que é um dos aspectos da categoria (B), foi outro aspecto analisado, ele tem uma relação direta com o aspecto “instrução”, ou seja, quando os professores/técnicos não utilizam instruções no método de treinamento, dificilmente os atletas farão referência ao feedback, seja ele positivo ou negativo.

O feedback positivo foi percebido pelos atletas das equipes II. Já nos atletas da equipe I não encontramos relato de percepção de feedback positivo ou negativo. A percepção que algumas atletas da equipe III tiveram do seu professor/técnico foi de feedback negativo, ou seja, punição após erro. Os atletas das quatro equipes tiveram uma fraca percepção no estilo de liderança dos professores/técnicos voltado para “feedback”.

Constatamos que nesse estudo, os resultados mostraram que, os atletas das equipes II e IV na quais os professores/técnicos foram caracterizados como mais experientes na competição e na modalidade, estes tiveram uma percepção positiva, com elevado nível de aprovação ao seu estilo de liderança em todos os aspectos: pessoal, profissional, instrucional e feedback. Enquanto que os professores/técnicos da equipe I e III, com menos experiência em competições e na modalidade basquetebol, tiveram o seu estilo de liderança avaliados como positivo no aspecto pessoal, mas negativo nos aspectos profissionais, instrucional e feedback.

Concluindo, podemos dizer que o estilo de liderança dos 4 professores/técnicos participantes da Olimpíada Colegial do Estado de São Paulo,

categoria Infantil, percebidos pelos seus atletas foi diferente. É interessante que ao observarmos essa diferença podemos verificar que essa variação foi de acordo com o grau de experiência de cada professor/técnico, tanto na modalidade basquetebol, quanto na competição.

Dos quatro aspectos analisados o “pessoal” foi o mais citado por esse grupo de atletas, o que mostra a importância da afetividade do treinador na relação com os atletas jovens.

Esse fato nos indica que os cursos de formação de técnicos de atletas jovens no Brasil deveriam levar em conta os aspectos psicológicos na relação técnico-atleta.

Sugerimos que outros estudos sejam realizados comparando outras modalidades, categorias e gênero para um melhor esclarecimento sobre o assunto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARNET, N. P., SMOLL, F.L. & SMITH, R.E. Effects of enhancing coach-athlete relationships on youth sport attrition. *The Sport Psychologist*, v. 6, p. 111-127, 1992.

BECKER JUNIOR, B. *Manual de psicologia do esporte & exercício*. Rio Grande do Sul, Ed. Feevale, 2000.

BETTI, M. *Educação Física e Mídia: novos olhares outras práticas*. São Paulo: Hucitec, 2003.

BETTI, M.O Papel da Sociologia do Esporte na Retomada da Educação física. *Revista Brasileira de Educação Física*, v.20, p. 131-133, 2006.

BOHME, M. T. S. *Crescimento e desenvolvimento humano*. Minas Gerais, Universidade Federal de Viçosa, 1986.

BRACHT, V. “A Criança que pratica Esporte Respeita as Regras do Jogo.....Capitalista”. *Revista Brasileira de Ciências do esporte*, Campinas, v.7, n. (2), p. 62-68, 1986.

BRANDÃO, M.R.F. & VALDÉS, H.V. La utilización de estrategias motivacionales por los entrenadores: un aporte de la psicología del deporte. *Alto Rendimiento, Psicología y Deporte: tendencias actuales*. Buenos Aires, v. 11, p. 115-130, 2005.

BRANDÃO, M.R.F. O papel do treinador como motivador do treinamento desportivo. In Dobranski, IA & Machado, (orgs), *Delineamentos da Psicologia do Esporte: evolução e aplicação*, p. 153-166, 2001.

BUCETA, J.M., *Estratégias Psicológicas para Entrenadores de Deportistas Jóvenes*. Madrid, Dikyson, 2004.

CHELLADURAI, P. Leadership in sports: a review. *International Journal of Sport Psychology*, v.21, p. 328-354, 1990.

CRATTY, B.J. *Psicologia no esporte*. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1984.

CRUZ, J.F. & GOMES, A.R. Liderança de equipes desportivas e comportamentos do treinador. In: *Manual de Psicologia do Desporto*. Braga: APPORT – Universidade do Minho, p. 389-409, 1996.

DE ROSE JÚNIOR, D. Situações de "stress" específicas do basquetebol. *Revista Paulista de Educação Física*. v. 7, n.3, p. 25-34, 1993.

_____. A competição como fonte de estresse no esporte. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, v.10, n. 4, p. 19-26. 2002 a.

_____. A Criança, o jovem e a competição esportiva: considerações gerais. In: De ROSE JUNIOR, D. (Ed.). *Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed, Cap. 5, p. 67 – 76, 2002 b.

DE ROSE JÚNIOR, et al. A psicossociologia como área de conhecimento da ciência do esporte. *Revista Paulista de Educação física*, São Paulo, v. 18, p. 73-81, 2004.

ESPORTE EDUCACIONAL: *Uma proposta Renovada*. INDESP, 1996. Disponível em < www.unb.br/fef/downloads/principios_doesporteeducacional.doc > Acesso em 19 de abril de 2007.

FERRAZ, O. L. O Esporte, a Criança e o Adolescente: Consensos e divergências. In: De ROSE JUNIOR, D. (Ed.). *Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed, Cap. 2, p. 25 - 38, 2002.

FERREIRA, M.S. A Competição na Educação Física Escolar. *Motriz*, v.6, n.2, p. 97-100, 2000.

FREIRE, J.B.. Contribuições a uma Epistemologia da Educação Física. *Revista Brasileira de Educação Física*, v.20, p. 131-133, set. 2006. Suplemento n.5.

GALLAHUE, D.L. *Teaching Physical Education in elementary school*. 6.ed. Philadelphia: Saunders, 1978.

GONÇALVES. M. A. S. *SENTIR, PENSAR, AGIR: Corporeidade e Educação*. Campinas, SP, Papyrus, 1994.

GUEDES. D. P. Fundamentos e Princípios Pedagógicos da Educação Física: uma perspectiva no campo da educação física para saúde. In: *Pedagogia Cidadã: Caderno de Formação: Educação Física*. São Paulo: UNESP, cap. 3, p.33-42, 2004.

KORSAKAS, P. O Esporte Infantil: as possibilidades de uma prática educativa In: De ROSE JUNIOR, D. (Ed.). *Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed, Cap. 3, p. 40 - 49, 2002.

KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2000.

LIMA, T. *Competição para Jovens*. Lisboa: Horizonte, 1991.

LOPES, M; SAMULSKI, D & NOCE, F. Análise do perfil ideal do treinador de voleibol das seleções brasileiras juvenis. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, v. 12, n.2, p. 51-55, 2004.

MACHADO, A. A. Competição Esportiva Escolar: Perspectivas da Psicologia do Esporte. In: MACHADO A. A. *Psicologia do Esporte: da educação física escolar ao esporte de alto nível*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, cap. 3, p.19-26, 2006.

MARTENS, R. *El Entrenador de Éxito*. Barcelona: Paidotribo, 2002.

MARTENS, R. *Sport competition anxiety test*. Champaign, Illinois: Human Kinetics Publisher, 1978.

MATTOS, M.G.; NEIRA, M.G. Educação Física na adolescência: construindo o conhecimento na escola. São Paulo: Phorte, 2000

MONTANARI, S. Aspectos Psicológicos da Competição Esportiva em Crianças *na 2ª Infância*. 1997. 26 f. Monografia (graduação em educação física) – Escola de Educação Física/USP, São Paulo, 1997.

MOREIRA.W. W. & CARBINATO, M. V. Bases Epistemológicas, a Educação Física e o Esporte: Possibilidade. *Revista Brasileira de Educação Física*, v.20, p. 129-133, set. 2006.Suplemento n.5.

NOCE, F. Liderança. In: SAMUISKI, D. *Psicologia do Esporte: um manual para educação física, fisioterapia e psicologia*. São Paulo: Manole, 2002.

OLIVEIRA, R. *O papel da levantadora nas equipes de voleibol: Um estudo da representação social das características dessa atleta nas opiniões dos técnicos e atletas*. 2005. 105 f. Dissertação de (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física/ USP, São Paulo, 2005.

OLIVEIRA, R. D. *Pesquisa Esporte na Escola*. 2006. Disponível: Diretoria de Ensino. Não publicado.

PAES, R. R. Pedagogia do Esporte e Jogos Coletivos. In: De ROSE JUNIOR, D. (Ed.). *Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed, Cap. 7, p. 89 – 98, 2002.

SANTOS, J. H. *Processos mediadores do professor e do aluno: uma abordagem quali-quantitativa do pensamento do professor, da interação pedagógica e das percepções pessoais do aluno na disciplina de educação física*. 2004. 586 f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) - Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2004.

SAMULSKI, D.M. Liderança e comunicação Efetiva do Técnico. Anais do XII Congresso Brasileiro de Psicologia do Esporte. São Paulo: CP/USJT, p. 33-41, 2006.

_____. *Psicologia do Esporte: Teoria e aplicação prática*. Ed. Imprensa Universitária/UFMG, pp.13-143. B. Horizonte, 1992.

SERPA, S. Em pequenino para não ficar menino. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL TREINO DE JOVENS, 1999, Lisboa, Comunicações Apresentadas. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva, p.31-35, 1999.

SIMÕES, A. C. A psicossociologia do vínculo esporte - adultos - crianças e adolescentes: análise das influências. In: De ROSE JUNIOR, D. (Ed.). *Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed, Cap. 4, p. 51 – 66, 2002.

SIMÕES, A.C; Esporte: análise do comportamento de liderança de técnicos de handebol. *Revista Paulista de Educação Física, São Paulo*, v.8, n.1, p. 17-29, 1994.

SMOLL, F., & SMITH, R. Leadership reserch in youth sport. In Silva, J. M. & Weinberg, R. S. *Psychological foundations of sport psychology*. Champaign, Illinois: Human Kinetics, 371-386,1984.

TANI, G. Iniciação Esportiva e Influências do Esporte Moderno. In: Silva, F. M. (org.). *Treinamento Desportivo: Aplicações e Implicações*. João Pessoa – PB: Editora Universitária /UFPB, p. 143 -152, 2002.

VIEIRA, L. F. Talentos Esportivos: desenvolvimento e performance. Anais do XII Congresso Brasileiro de Psicologia do Esporte. São Paulo: *CP/USJT*, p. 19-28, 2006.

WEINBERG,R. S. & GOUD, D. Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício. 2º ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

=====

ANEXO 1

=====

CENTRO DE PESQUISA

MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

LINHA DE PESQUISA BASES BIOPSISSOCIAIS DO ESPORTE

PESQUISADORES: ROSEMEIRE DIAS DE OLIVEIRA

PROF^ª. DR^ª. MARIA REGINA FERREIRA BRANDÃO

Pergunta geradora de opinião

Como é o seu técnico, nos treinos e na competição?

Comente sua resposta.

=====

ANEXO 2

=====

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DOCENTE

Nome completo _____ Data Nasc _____
 Endereço _____ Número _____
 Bairro _____ Cidade _____ CEP _____ Estado _____
 Telefone Residência _____ Celular _____ Trabalho _____

Formação Acadêmica			
Curso	Instituição	Área	Ano de Conclusão
Graduação			
Aperfeiçoamento			
Especialização			
Mestrado			
Doutorado			

Em sua graduação cursou a disciplina Psicologia do Esporte e da Atividade Física

Sim () Não ()

Participação em curso de () 2001 () 2000 () 1999 () 1998 () 1997 () 1996

capacitação/outras

Atividades de Docência

Tempo de experiência docente: _____ anos

Nível de ensino em que lecionou	(<input type="checkbox"/>) 1º ciclo Ens. Fundamental anos (<input type="checkbox"/>) 2º ciclo Ens. Fundamental anos (<input type="checkbox"/>) Ensino Médio anos (<input type="checkbox"/>) Ensino Superior anos (<input type="checkbox"/>) Pós-Graduação anos
--	---

Exercício de docência atual	(<input type="checkbox"/>) Fundamental anos (<input type="checkbox"/>) Ensino médio anos (<input type="checkbox"/>) Ensino Superior anos (<input type="checkbox"/>) pós-Graduação anos
-----------------------------	---

	() Outros	anos
--	------------	------

Experiências diversas

Cargos administrativos escolares ou Esportivos (mais recentes)

Local	Período
1-	
2-	
3-	

Organização / Coordenação de Eventos Desportivos (mais recentes)

Local	Período
1-	
2-	
3-	

Treinamento de equipes / Participação em competições (mais recentes)

Local	Período
1-	
2-	
3-	

=====

ANEXO 3

=====

QUADROS DE DEPOIMENTOS DA EQUIPE MASCULINA I

S1 – ih!..legal...quieto, sei láele não fala nada. Só fala que é para jogar, ele não monta o time, quem monta somos nós mesmos, começa o jogo quem está no banco pede para entrar, ele deixa, aí vira bagunça não é?

S2 – No treino ele não dá nada, só a bola e nos ficamos jogando sozinhos. Ele é legal, ele deixar fazer o que quiser, não cobra nada no jogo. Se perder ele não fala nada.

S3 – O outro professor que nós tínhamos era bem melhor, ele ensinava algumas coisas. Esse, não está nem ai, eu perguntei para ele por que fui expulso do jogo e ele disse para perguntar para o juiz. Quem manda no time é (****) ele faz até a escala, ele nunca sai do jogo, ele quer mandar em tudo.

**** atleta da equipe

S4 – Bom, no treino ele manda a gente arremessar umas bolas e depois manda jogar. No jogo ele não fala nada, nem quando a gente pergunta alguma coisa. Eu acho que ele não conhece muito de basquete, ele vive perguntando para juiz o que ele apitou?

S5 – Legal, ele não briga, não xinga, quando estamos jogando, ele não fala nada também. Nós falamos, e aí professor, o que nós vamos fazer, ele só responde, jogar e mais nada. Mas mesmo assim ele é gente boa.

S6 – Ele é legal, bagunça com gente, brinca bastante. Nos treinos ele fala para

nós fazermos o que sabemos. No jogo, às vezes até parece que ele não sabe muito de basquete. Mas eu gosto dele, é gente boa.

S7 – ele só está aqui acompanhando, ele não sabe nada não.

S8 – Bom ele é legal, más não entende muito de basquete, quem entende é o professor (****). Ele deixa fazermos o que queremos e não da bronca, não fala nada. Mas isso é bom pelo menos ele não briga e nem xinga.

****** professor que ele está substituindo**

S9 – Eu nem vou no treino, chega lá não tem nada, só rachão. Ele não fala nada nem entende do jogo é nós que pedimos tempo. Quando cansamos saímos e outro entra, ele não fala nada não.

S10 – Olha o (.....) é legal, mas ele deveria falar mais e não deixar o (****) mandar no jogo. Só por que eu briguei com ele, ele mandou o professor me tirar do jogo, e ele tirou. Não está certo isso, eu não vou mais jogar não, tô fora.

****** atleta da equipe**

S11 – Eu não sei como ele é nos treinos não, eu não treino. O professor (...) me chamou por que estava faltando gente para jogar. Eu falei que não poderia treinar ele falou que não tinha problema. Esse professor é legal no jogo, ele me deixa jogar bastante, se fosse o outro eu não jogaria, não estou treinando.

S12 – Ele é meio maluco, mas é gente boa. Eu só acho que ele não entende muito de basquetebol não, os outros professores das outras equipes pedem tempo e falam, ele não fala nada.

QUADROS DE DEPOIMENTOS DA EQUIPE MASCULINA II

Entrevista

S13 – Ah ele é muito tranqüilo, muito gente boa. Quando nos vamos treinar, ele

ensina de tudo um pouco, bandeja, arremesso, bater bola..... um monte de coisa.....Ele passa um monte de dicas para gente, fica o tempo todo corrigindo o que nós erramos. Ele é muito legal mesmo, conversa muito comigo e os meus colegas. No jogo ele dá umas broncas quando a gente erra, mais quando nós acertamos, ele fala é isso aí, vamos lá, vamos jogar. Ele é o melhor professor que eu já tive.

S14 - O (...) ele é muito legal, é nosso amigo, conversa com a gente não só sobre basquete, mas sobre tudo. Ele não gosta que a gente chegue atrasado nos treinos, quem chega tem correr mais 10 voltas na quadra, eu não gosto de correr, por isso eu nunca cheguei atrasado. Eu gosto dele porque ele não xinga a gente quando a gente erra no jogo. O outro professor que a gente tinha só sabia xingar e não explicava nada. Ele fala para gente falar o que nós achamos do jogo quando acaba, se foi legal, se jogamos bem ou mal, ele é gente fina cara.

S15 - O (.....) é muito tranqüilo, eu só aprendi jogar basquete agora, antes os outros (.....) não ensinavam nada e queriam que a gente jogasse, e ainda brigavam com a gente. A gente aprendeu até jogada, eu sou o armador e quando eu canto a jogada, nós fazemos um monte de cesta..... ele corrige tudo, ajuda eu e meus amigos. No jogo quando as coisas começam a dar errado ele pede tempo e fala pra gente se acalmar, e fala o que é para fazermos. Ele deixa a gente falar e dar opinião..... eu gosto muito do (.....)

S16 – Ele é muito sossegado, gente boa mesmo, ele treina direto para a equipe melhorar, corriji tudo e quando eu e meus amigos não estamos fazendo nada direito, ele fala, não quer treinar então vai pra casa, quando quiser treinar volta. No jogo ele fala que é para fazer o que nós treinamos e que se perder não tem problema, vamos ver o que fizemos de errado e corrigir para próximo jogo. Ai ele

pergunta o que saiu errado e aí a gente fala.

S17 – Há ele muito legal, gente fina pacas. Não tive professor melhor que esse, treina a gente e corrige tudo, aí ele fala que tem que acostumar a fazer certo no treino, porque se não, vai sair tudo errado no jogo. Quando nós vamos jogar ele fala, e só fazer o que treinamos. Eu já tive outros professores, mas, o (.....) é o melhor.

S18 – Ele é o “cróis”, legal mesmo, nos treinos ele explica todas as jogadas até a gente entender, se erra, ele corrige, ele fica o treino todo falando (.....) ergue a cabeça, (.....) têm que melhorar esse passe. No jogo quando a gente entra, ele fala tudo que é para fazer, e não tira, se erra uma ou duas vezes, têm professor que coloca no jogo, e a gente erra, na primeira já tira e briga. Quando eu e meus amigos fazemos cesta ele aplaude.

S19 - Ele é calmo, ele não fica gritando com gente. Quando a gente erra, ele fala, tá bom, mas vamos corrigir o que erramos. Quando a gente acerta, ele comemora junto. Ele é igual no treino e no jogo dá bronquinhas, ele fala, vocês sabem fazer porque não fazem então?

S20 – O (.....) é 10, ele brinca muito com a gente, mas na hora do treino a coisa fica séria ele não gosta de brincadeira. Ele fala que tem hora para tudo até pra brincar, ele passa tudo para gente regra a o que o juiz vai apitar. Eu tive um professor que não explicava nada aí à gente foi jogar, e o arbitro apitava e a gente ficava boiando. Agora eu entendo tudo de basquetebol.

S21 – Eu gosto muito do (.....) ele me ajuda muito, eu não tinha nem tênis pra jogar ele que conseguiu para mim e para (.....) se não, a gente não ia jogar não. Só que ele fala para gente que temos que estudar para podermos ser alguém na vida. Ele treina para caramba, passa até do horário dele, e ele sempre me coloca

no jogo, só não coloca quando não dá mesmo.

S22 – Sossegado, ele é muito gente fina, treinou a gente, aí a diretora falou que não ia ter ônibus, foi ele que conseguiu com a prefeitura, sabe ele deixa a gente falar dar opinião, têm professor que só sabe mandar a gente calar á boca, fica quieto você não sabe nada, más ele não.

S23- O (.....) é legal, o que eu posso falar dele? Eu gosto muito dele.

S24 – Ele acalma a gente eu tive um professor, que ele só gritava e brigava aí a gente não fazia nada mesmo. Ele treina de tudo um pouco, outro dia ele passou até filme, de uma equipe que ninguém queria treinar, e chegou um cara e começou a treinar eles. No fim os caras ficavam bom pra caramba, aí ele falou ta vendo nada é impossível quando a gente quer. No jogo ele fica falando, vamos gente vocês sabem fazer. Eu gosto muito do (.....)

QUADROS DE DEPOIMENTOS DA EQUIPE FEMININA I

S25 – Ele é muito legal, nos treinos ele não dá moleza, tem que treinar muito com ele. Eu aprendi a jogar basquete com ele, o (.....), entende muito de basquetebol, ensina regras, sinais dos árbitros e jogadas. O único problema é que ele não deixa a gente fazer nada, pega no pé mesmo, implica até com os namorados quando eles aparecem nos treinos.

S26 – Eu gosto muito do (...), a minha mãe só deixou eu participar do campeonato, por que é ele o professor. Ele treina muito, e ainda marca pra irmos aos sábados no ginásio de esporte, ele dá treino lá. Ele é muito bom técnico.

S27 – O (.....) foi professor da minha mãe de basquetebol, ele entende tudo de basquetebol. Quando começou a treinar o nosso time ninguém sabia nada, ele ensinou tudo. Só que ele é muito bravo, nós não podemos chegar atrasadas no

treino e nem faltar, que lá vem bronca. Mas eu gosto muito dele, mesmo assim

S28 – Ele ensina muito bem, aprendi basquetebol com ele. No jogo ele dá umas broncas, quando alguém erra, ele tira do jogo coloca no banco, conversa e depois coloca de novo. Mas ele está certo, se não vira bagunça. Eu gosto muito dele, e treino com ele no ginásio de esportes também.

S29 – Ele é muito briguento com a gente, dá muita bronca, a gente não pode fazer nada. No treino se a gente conversar um pouquinho ele já fala você veio para conversar ou para treinar. No jogo se erra ele fala, não treina direito ai dá o que dá. Tudo tem que ser do jeito dele, se não é bronca na certa.

S30 – Ele não é fácil não, ou a gente joga do jeito dele, ou ele manda gente ir embora. Ele treina sério, não gosta de brincadeiras, mas ensina tudo para nós. No jogo ele dá bronca toda hora, ele briga até com o juiz quando eles não apitam direito.

S31 – Ele muito legal, ensina tudo para nós, eu gosto dele.

S32 – Ele é um pouco ranzinza, ninguém pode chegar atrasado nos treinos, nos dias que tem jogo ele faz a gente chegar meia hora mais cedo do que o horário previsto para o jogo, todas da equipe tem estar uniformizadas, você acredita que até as nossa unhas ele olha para verificar se não estão compridas, ele é demais cara, mas eu gosto muito dele.

S33 – Ele é muito gente boa, eu gosto do (...) como se fosse meu pai. As meninas reclamam um pouco dele, porque ele dá muita bronca nelas no meio do jogo, elas ficam com vergonha, eu não fico, para mim isso é normal. Ele é muito exigente, quer tudo certo, eu tento fazer mas, às vezes, não consigo, ai é bronca na certa.

S35 – Nós treinos ele mata a gente de tanto treinar, por ele treinava todos os dias,

mas não dá. A nossa equipe melhorou muito, mas ele fala que ainda não está bom. Nos ganhamos todos os jogos, mas continuamos a treinar. Quem faltar mais de 3 vezes e não justificar ele manda embora, não quer nem saber.

S36 – Às vezes ele é chato, implica com o meu namorado que vai assistir aos treinos, ele acha que eu não treino direito quando ele aparece. Eu fico com pouco de vergonha quando erro, e o (.....) dá bronca, mas mesmo assim eu gosto dele.

S37 – Nos treinos ele não da folga, treina para caramba, a gente sai de lá até meio torta. No jogo ele só pede para fazermos tudo que treinamos, ele diz sempre que o jogo é consequência dos treinos.

QUADROS DE DEPOIMENTOS DA EQUIPE FEMININA II

S38 – Bem o (.....), nos treinos é legal, ajuda muito a gente. No jogo ele fala explica tudo que para ser feito, mas às vezes não dá, tem equipes que são boas.

S39 – Eu não gosto muito dos treinos, às vezes eu falto, porque eu gosto mesmo é de jogar. O (....), fala que não pode faltar , se faltarem nos treinos, não vamos melhorar. No jogo ele reclama um pouco, vive dizendo que a gente desaprende tudo na hora do jogo.

S40 – Eu acho que ele treina pouco, nós temos que treinar mais, para melhorar. Nós perdemos todos os jogos do campeonato, eu acho que foi por falta de treino. No jogo o (....), conversa, fala, pede tempo, mas não adianta. Têm algumas meninas que não sabem jogar direito, mas não temos outras para colocar no lugar. Esse vai ser o ultimo ano que eu jogo, vou começar a trabalhar.

S41 – Esse professor é muito gente boa, eu gosto dele. Nos treinos ele tenta ajudar as meninas mais fracas que não sabem direito jogar basquete, mas é muito difícil, e a gente perde um tempão da aula, ai não dá para fazer nada. No jogo é

complicado o nosso time é muito ruim, a gente só perde.

S42 – Eu acho que nós deveríamos treinar mais, para tentar ganhar pelo menos um jogo. O professor tenta ajudar na hora do jogo, mas não tem jeito não o nosso time é muito ruim.

S43 – Ele é legal está tentando me ensinar basquetebol, mas é muito difícil. Mas mesmo assim eu venho nos treinos, eu estou meio gordinha e preciso correr um pouco. Eu acho que ele tenta ajudar a nossa equipe motivando, mas não tem jeito a gente só perde. O ano que vem, nós vamos começar a treinar mais cedo e firme para tentar ganhar ao menos um jogo.

S44 – Eu gosto dele, mas eu acho que ele tem que exigir mais das meninas. Elas não obedecem muito ele, as vezes ele fala para fazer um exercício que ninguém gosta, ai ninguém faz, vai fazer outra coisa e assim o tempo passa e nós não treinamos direito. No jogo é muito difícil jogar contra o time da escola (.....), as meninas treinam quase todos os dias. Eu gostaria de mudar de escola para poder ter um time melhor.

S45 – O professor (...) é legal. Treina as meninas mais fracas, mas não tem jeito às outras que já sabem jogar não ajudam muito. Eu acho que ele deveria treinar mais vezes a nossa equipe, é muito pouco tempo, e a gente não sabe muito sobre basquetebol. Eu queria saber jogar direitinho para poder, ganhar pelo menos uma vez daquelas (.....).

S46 – Ele tenta treinar a gente... mas no jogo a gente só perde.

S47 – Eu gostaria de mudar de escola, as meninas daqui não sabem nada de basquetebol. O professor (...) está tentando treinar a equipe, a gente até participou do campeonato, mas só perdemos. Se o ano que vem eu não for começar a trabalhar eu vou para a outra escola.

S48 – Ele é legal, treina direitinho, mas tem umas meninas que são muito moles, se ele manda correr um pouco mais já começam a reclamar, não querem fazer nada, só querem ficar brincando de 21 parado.

S49 – Eu gosto do professor (...), mas eu acho que ele deveria exigir mais nos treinos, ele dá muita moleza para as meninas. Aí quando chega no jogo ninguém consegue jogar, elas correm um pouquinho e já estão cansadas. Desse jeito nos não vamos ganhar de ninguém nunca.